Obras Completas de A. F. de Castilho

3 1761 07044964 0

PQ
9261
C34N6
1908
v.1

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 || 46, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 58.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII — Palestras religiosas e Consolações (2 vol.)
XXXIX a XLV—Casos do meu tempo (7 vol.)
XLVI—Estreias poeticas para o anno 1853 (1 vol.)
XLVII a L—Télas literarias (4 vol.)
LI—Os ciumes do bardo, As Flores, e A confissão de Amelia (1 vol.)
LII e LIII—Mil e um mysterios (2 vol.)
LIV—A noite do Castello.
LV—Tributo portuguez á memoria do Libertador.
LVI e LVII—Tratado de Metrificação (2 vol.)
LVIII—Novas telas literarias.

NO PRÉLO:

LIX—Novas telas literarias (2.º vol.)

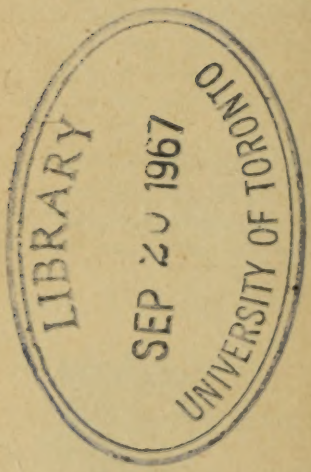
OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
LVIII

NOVAS TELAS LITERARIAS

VOLUME I

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1908

PQ
9261
C34N6
1908
v.1



ADVERTENCIA DOS EDITORES

Nas buscas e rebuscas, a que temos procedido, a fim de dar ao Público uma collecção, tão completa quanto possivel, dos escritos de Castilho, algumas pérolas se nos desenfiaram. Para remediar involuntarias omissões, juntaremos, nos volumes que vão seguir-se, peças lyricas, e estudos em prosa, cujo logar proprio teria sido nas *Novas Excavações poeticas* (volumes 27.º e 28.º da presente edição), e nas *Telas literarias* (volumes 47.º, 48.º, 49.º, 50.º)

Collocaremos estas producções na sua ordem chronológica, para maior agrado dos leitores, e as *Notas* appensas explicarão muitas circumstancias, que importa conhecer.

N'esta nova miscellânea não tivemos ânimo de omittir uma graciosa charada, nem os requerimentos, que o juvenil Bacharel dirigiu á Real Junta da Directoría geral dos Estudos pedindo licença para trabalhar, nem as réplicas aos censores officiaes do poema *Cartas de Ecco e Narciso*, nem a sua defensa de certos pontos impugnados nos *Quadros historicos de Portugal*.

Desde o soneto, quasi infantil, ao eminente escultor portuguez Joaquim Machado de Castro, immortal autor da estátua equestre d'el-Rei D. José, até á ode ao senhor D. Pe-

dro II, Imperador do Brazil, na sua visita á Imprensa Nacional de Lisboa, muitos documentos archivámos, que provam a incançavel actividade cerebral do Poeta, e, jogando com os *Vivos e mortos*, e com os *Casos do meu tempo*, demonstram a parte que elle tomou em muitos successos particulares e nacionaes, e o esplendor com que illuminou importantes questões literarias.

Pode ter-se enganado em algumas apreciações, certamente; todos se enganam uma vez ou outra. O que ninguem poderá negar é a sinceridade com que falava, e o denôdo com que atacava pontos altos de discussão.

Veem pois estes additamentos completar lacunas, e enfileirar-se na vasta e colorida collecção, tão multiforme e tão opulenta, das Obras de Castilho.

I

Ao Senhor Joaquim Machado de Castro,

escul'or da estátua equestre do Senhor Rei D. José, recebendo no anno corrente de 1816, por ordem do Principe Regente nosso senhor, uma gratificação.

Aspice ut imposito vicina in sidera surgens
stat moles immanis equo, cœlique propinqui
ardua sublimi propius videt astra colosso.
P. Glib Joanninus in Parn. poet. Soc. Jesu.

(1816)

Não, não podia, ó inclyto Machado,
da Lusitania adôrno esclarecido,
teu grão saber, teu mérito subido,
não ser, como devia, premiado.

João, de Cesar bem fiel traslado,
do Imperio de Minerva amparo fido,
mostrar-se de teu mérito esquecido
não, não podia, ó inclyto Machado.

Mas, inda que o Regente, aos Lusos caro,
não fôra em teu abono tão benino,
nunca o Fado comtigo fôra avaro;

que a Régia Estátua, que te fez divino,
alçada aos astros, astro novo e raro,
te alcançára dos Ceos o premio dino.

Jornal de Coimbra—1816—vol. IX,
n.º XLV, P. II, pag. 157

II

1.º Requerimento
á Junta da Directoria Geral dos Estudos do Reino
(1823)

Senhor.

Diz Antonio Feliciano de Castilho, Bacharel formado em Cânones, que, achando-se competentemente apresentado ao concurso de uma Cadeira de Latim, que se acha vaga no Estabelecimento do Rocio, em Lisboa; mas impossibilitado pela sua grande falta de vista para ler e escrever, roga a Vossa Majestade a mercê de Ordenar que no respectivo exame o Presidente nomeie o Secretario, ou quem lhe parecer, para ler o que o supplicante tiver de traduzir, e escrever o que elle ditar.

Pede a Vossa Majestade Seja Servido Conceder ao supplicante aquella graça, que ao mesmo tempo animará e ensinará aos cegos, que não são pessoas tão perdidas para a sociedade, como ordinariamente entre nós se julga.

E. R. M.

Lisboa, em ... de Fevereiro de 1823.

Despacho

Não tem logar. —Em Junta de 21 de Fevereiro de 1823 — Cruz.

III

2.º Requerimento á Junta da Directoria Geral dos Estudos

(1823)

Senhor.

Diz Antonio Feliciano de Castilho, Bacharel formado em Cânones, que, tendo dado nome para o concurso findo a 2 do corrente, para a propriedade da cadeira de Latim, que se acha vaga no Estabelecimento do Rocio, declara-lhe agora a Junta da Directoria Geral dos Estudos, que não tem logar o seu requerimento, e que o não dispensa de ler e escrever, pois a isso pelas competentes Instrucções é obrigado; ao que, o supplicante não pode satisfazer, por ser tão grande a sua falta de vista, que para ler e ecrever se pode reputar cego.

Com aquelle desgraçado defeito, Senhor, que o supplicante padece desde a edade de seis annos, aprendeu Latim, Rhetorica, Philosophia, Geometria, Historia Natural, formou-se em Cânones, e tem pela Imprensa publicado varios opusculos poeticos. Sempre o supplicante teve á escôlha quem com elle, até por interesse proprio, quizesse estudar; ¿como lhe faltará entre os discipulos? Nunca

em seus exames lhe fez falta a vista, que se suppria pelos examinadores, porque lhe liam para elle traduzir, e escreviam o que era necessario que elle ditasse.

Todos os Membros da Directoria conhecem aquellas circumstancias; quasi todos foram Mestres do supplicante na Universidade; elles podem no exame para o actual concurso fazer ler pelos examinadores ao supplicante o que tiver de traduzir, e escrever o que elle ditar, julgando depois o exame como fôr de justiça.

Portanto, pede a Vossa Majestade Seja Servido Mandar declarar á Directoria Geral dos Estudos que pode (porque nenhuma Lei ha que prohiba uma tão pequena circumstancia) examinar n'este concurso o supplicante, pela forma por que elle fez todos os mais exames na Universidade, particularmente o de Latim, dando se á Nacão o exemplo do aproveitamento de um cego.

E. R. M. [1]

---

[1] Não teve despacho.

Os Editores

IV

Charada

(182...)

¡Que terno, que doce nome! } I
como fala ao coração! }
Todos me cospem, me pisam; } I
tenho baixa condição. }

Se me alimenta a esperança,
e se me aprova a razão,
posso fazer a fortuna
de uma ditosa união.

Mas se mal correspondida
pela feia ingratidão,
sou dos humanos flagello,
sou digna de compaixão.

V

Censuras
da Meza do Desembargo do Paço

ao poema de Castilho

CARTAS D'ECCO E NARCISO
(1825)

Nesta producção poetica occorrem alg.as expressões q̃ parecem necessitar de modificação, como é a f. 5 verso 5.º dizer do Dez.or Ant.º Ribr.º dos Santos

Tu q̃ já Semideos no Elysio vagas.

Parece q̃ p.a honrar a mem.a d'este insigne Jurisconsulto e litterato não é nr.º nem decente imaginal-o ou represental-o como um Pagão, e confundil-o com esses Heróes da Fabula, sendo bem notoria a Religião, que elle professava, e podendo-se-lhe tecer gr.des elogios, e formar prosperos votos pela sua ventura dentro da Orbita do Christianismo, sem recorrer a ficções mythológicas, inverosimeis e mal adquadas a um sujeito tão conhecido pela sua Religião e sabedoria. Não parece que a liberd.e poetica deva exceder os limites da verosim.a a ponto de converter um Catholico em Pagão, como se a ventura d'elle

na outra vida se não possa estender a mais do q̃ atravessar a imaginaria Lagôa Estyge, e andar passeando pelo campo Elyseo.

A f. 118—verso 18 põe o A. na boca da sua imaginaria Ninfa uma proposição algum tanto descomedida, qual é

O unico Altar ser dado a Amor devia.

Posto q̃ toda esta Obra seja um parto de imaginação, não parece todavia a proposito nem conforme á boa moral encarecer tanto a influencia do Amor Venereo.

Sobre tudo parece intoleravel e indigna de se publicar a Nota a f. 217, na q.[l] o A. transcreve alguns versos Italianos do Aminta do Tasso, nos quaes se contem a invectiva mais imoral contra as ideias da *Honra*, chamando-lhe *idolo de erros e de enganos* etc., dizendo mais a f. 218 *que é uma Lei natural = o que agrada é licito. = S'ei piace ei lice.*»

Julgo que toda esta Nota deve ser inteiram.[te] suprimida etc...

D'esta censura se dá vista ao Editor, em cumprimen.[to] do desp.[o] da Mesa do Des.[o] do Paço de 11 de Dez.[bro] de 1824.

Lx.[a] 10 de Fevr.[o] de 1825. [1]

[1] N'esta censura conservámos a orthographia da copia que possuimos. Não affirmamos que fosse a do documento original, mas inclinamo-nos a crel-o, attendendo a que no alto se lê *Copia fiel.*

Os Editores.

Resposta do Autor das CARTAS D'ECCO E NARCISO

Obrigado a defender a minha Obra, eu me limitarei a explical-a. Como eu sei bem as intenções com que escrevi, e a minha consciencia repoisou sempre tranquillamente no meio dos meus cantos, nem temo nem devo temer. A pureza de intenções, o gôsto fino e critico em materias literarias, a franqueza emfim que o meu Censor mostra possuir, já de antemão me asseguram uma completa justificação.

*

Artigo I. F. 5 verso 5.º

Tu que já semideus, etc. e seguintes

Esta expressão, que philosophicamente, que em sentido rigoroso, nada quer dizer, é uma d'aquellas bellezas que se teem tornado logares-communs em Poesia. No Christianismo não ha *semideuses*, nem *Elysios*; mas o Christianismo, estabelecendo-se sobre as ruinas da religião dos Romanos, contentou-se de arrancar a mascara ás suas divindades, mas não as fez desapparecer, porque as Artes innocentes altamente reclamavam a sua conservação. A Verdade contentou-se de se fazer conhecer, de influir nos negocios serios, nos mais importantes; mas tolerou que para o prazer da imaginação os bosques conservassem *dryades*, os montes *oréades*, as fontes *nayades*, os rios suas divindades, o ceo *Jupiter*, o inferno *Plutão* e o seu

tribunal, as *furias* e os *tormentos*, os *elysios* e os *heróes*. O uso de todas estas ficções é uma posse antiga, immemorial, nunca interrompida, desde Homero e Hesíodo até nós.

Eu poderia citar mil exemplos dos nossos classicos mais conhecidos pela pureza da sua Religião. A *Lusiada* é lida e amada; e entretanto, é ali que se vêem extravagantemente unidos Jupiter e o Padre Eterno, Venus e a Virgem Maria, os anjos e as nereidas, etc.

¿Mas para que é buscar exemplos extranhos, quando no objecto mesmo da questão eu encontro a minha defensa?

Este illustre Desembargador de quem falo, este grande literato, este homem de bem, cheio de religião e de virtudes, e que (segundo eu digo)

> ..... *a saudade excita*
> *do Tejo e Doiro, da Sciencia e Musas,*
> *e da virtude, de quem foi a glória;*

elle, em cujos escritos nunca se reprehendeu a menor liberdade, admittiu nos seus versos a *Estyge*, *Charonte*, *Prosérpina*, e os *Elysios*, que povoou de christãos.

Veja-se o Tomo II das suas poesias, paginas 80 e 81, *A Silvio*, onde, depois de fazer passar um criminoso na barca de Charonte, depois de o apresentar no tribunal dos tres juizes infernaes, onde houve a sentença que merece, diz:

> *Só a virtude vai além da morte;*
> *ella só, ó meu Silvio, nos ressalva*
> *da Estygia treva, e nos repõe nos córos*
> *das pias almas nos Elysios campos.*

Notem-se as expressões *nos ressalva* e *nos repõe.*

¿Que fiz eu pois, se não contar como passado o que elle tinha dito do seu futuro?

Se esta passagem não bastasse, eu transcreveria ainda o que se lê no Tomo I, a pag. 148, sobre a morte de Almeno, Frade, e Frade missionario; a pag. 157, etc. etc. Mas se, apesar de tudo isto, pode restar ainda algum escrupulo sobre expressões que eu julgo de nenhuma consequencia, ao illustre Censor pertence cortar toda a passagem que principia no verso:

E tu sabio Cultor, que a tenra planta

até o verso

das dórides, das tágides, que honraste,

assim como a nota que lhes corresponde.

Artigo II F. 118, verso 18

O unico altar ser dado a Amor devia.

Não ha expressão nenhuma que, deslocada, sôe como no sitio em que tinha sido posta. Phrases que, sôltas, seriam abominaveis, tornam-se toleraveis, e até bellas, na composição; são venenos que se neutralisam.

As *Cartas de Ecco e Narciso* são puramente um romance; o seu merecimento (se

algum teem) resulta do contraste dos caractéres. Se não houvesse mais que as cartas de Ecco, seria esse um livro perigoso; mas, juntas com as cartas de Narciso, tornam se talvez uma obra muito moral.

¿Quem diz que, se houvesse um altar unico, este deveria ser dado ao Amor? ¿em que tempo se diz isto? ¿em que logar? em que circumstancias? E' uma nympha; é nos tempos fabulosos; é nas raizes do Parnaso, à borda do Cephiso; é quando toda a febre, todo o delirio, toda a impaciencia do amor, se teem apoderado do seu coração.

Sibi convenientia finge,
scriptor. Honoratum si forte reponis Achillem
impiger, iracundus, inexorabilis, acer,
jura neget sibi nata, nihil non arroget armis;
sit Medea ferox invictaque; flebilis Ino;
perfidus Ixion; Io vaga; tristis Orestes.

Esta lei, ditada por Horacio é, de todas as que em Poesia se conhecem, a mais inviolavel. Capaneu, em Estacio, fala sempre como um impio; Cesar, em Lucano, não conhece outra divindade mais que a Fortuna; Virgilio retratou a Mesencio *contemptor divum*; Homero lhe tinha fornecido a ideia, apresentando na *Iliada* o seu terrivel Diomédes; na *Henriada* acha-se a theoria dos atheus na bocca de d'Aumale; Argante, na *Jerusalem*, não vê no universo divindade além da sua espada; da mesma sorte tinha apparecido Rhodamonte no *Orlando furioso*; mil outros poemas, emfim, não deixaram de seguir o mesmo exemplo. ¿E prohibem-se, por ven-

tura, todos estes livros? ¿pode a sua leitura ser por isto perigosa? Não.

¿Que é pois este só verso

o unico altar ser dado a Amor devia,

posto n'um romance e n'um romance mythologico, e, de mais a mais, na bocca de uma nympha louca de amor, se se compara com todas essas façanhosas prosopopeias?

¿Que é elle a par de muitas paginas dos Livros santos?

¿Não introduziu Salomão o impio apregoando o materialismo?

¿No livro de Job não fala expressamente o inimigo da Religião?

Se, depois d'estas citações respeitaveis, podéssem caber ainda outras, eu citaria a invocação a Venus no poema de Lucrécio, traduzida pelo snr. Antonio Ribeiro dos Santos, assim como a *Venus physica*, publicada por este ultimo no vol. I das suas *Poesias*. Uma e outra são passagens paralellas ao meu verso, a que se poderiam facilmente juntar longos commentarios a elle.

Creio que, depois d'esta explicação, o Censor concordará comigo, e o verso apontado poderá sem inconveniente conservar-se; mas se me engano, convenho em que se corte desde

Se exceptuando os mais devesse um nume

até

cantal-o o Bemfeitor e o Pae dos homens.

Artigo III.

O Tasso pôz a acção do seu *Amintas* no campo, e entre pastores, que ainda conservavam alguns restos dos costumes primitivos. No côro do Acto I, d'onde eu extrahi os versos transcritos na nota censurada, é um grande grupo de pastores, de homens dados ao amor, que exprime as suas saudades pela *edade de oiro*; isto é: por aquelles tempos, talvez fabulosos, mas caros á imaginação, em que a vida era toda praseres, e os praseres todos puros, e em que o grande Gessner imaginou as scenas de todos os seus idyllios, pelos quaes diz Florian que ensinaria a moral, e faria homens bons, se fosse Párocho.

N'estes tempos pois, da infancia e da innocencia do Mundo, *tudo que agradava* era lícito, porque só agradava o que era bom. Não havia ideia de *honra*, porque não havia *deshonra*.

Idolo del error, idol d'inganno

é uma expressão abominavel quando se considera como um epitheto da *honra*, tomada esta na sua verdadeira accepção; mas, se se reparar em que não é da *honra*, tomada no sentido philosóphico, que aqui se fala, mas só d'aquella a que a ignorancia e grossaria do Povo dá este nome, n'um momento desapparece toda a reprehensão; e o autor o diz bem claramente:

.....Quel che dal volgo
insano onor poscia fu detto.....

Penso, emfim, que, bem analysada, esta passagem não envolve doutrina errónea; e ajunte-se que nunca, em paiz algum da Europa, foi prohibido o *Amintas*. O nome do Tasso, do piedoso autor da *Jerusalem*, bastou sempre para afastar qualquer suspeita dos seus escritos. Este bello drama pastoril está traduzido em quasi todas as Linguas, impresso em França no tempo da censura prévia, e no tempo do Santo Officio publicado em Hespanha, na traducção em verso de D. Juan de Jauregui.

Mas como talvez, á primeira vista, a minha nota pode não ser bem entendida, o sabio Censor, querendo, se dignará de a supprimir inteiramente.

*

Respondi. Fôra ociosidade pedir justiça; mas peço, como graça, a possivel brevidade no despacho.

Coimbra, 17 de Fevereiro de 1825.

A. F. de Castilho. [1]

---

[1] Todas as tres passagens foram cortadas, e a obra não sahiu senão muitos mezes depois.

(Apontamento de Castilho)

VI

Polemica literaria entre o jornal lisbonense «A Estrella» e Castilho acerca dos «Quadros historicos»

(1839)

O jornal «*A Estrella*» de Lisboa 22 de Abril de 1839, diz:

«Honrou-nos o bem conhecido sabio e eximio doutor o snr. Antonio Feliciano de Castilho com um exemplar da sua primorosa obra o 3.º Quaderno dos «*Quadros historicos de Portugal*»; e sabendo avaliar este favor, não é elle quem nos enche de presumpção julgando-nos capazes de indicar defeitos.

«A esta hora em que escrevemos, já a maior parte dos Portuguezes tem corrido a saciar a sua justa curiosidade, lendo e relendo esta excellente producção litteraria tão bem escripta, tão correcta, e tão bem impressa, e egualmente terá tido occasião de elogiar o merecimento do Cavalheiro Antonio Manuel da Fonseca, pelo excellente desempenho das estampas que se acham juntas;

mas nós agarrados ao nosso velho Horacio, e repetindo com elle:

Ut silvae foliis spronos mutantur in annos,
Prima cadunt; ita verborum vetus interit aetas,
Et juvenum ritu florent modo nata virentque..
Quae nunc sunt in honore, vocabula, si volet usus,
Quem penes arbirtrium est, et jus et norma loquendi

ART. POET.

«pedimos licença ao autor para propôr as duvidas que nos occorrem, e para dizer a nossa opinião, e o que temos visto, e com alguma curiosidade procurado examinar, sem nos pouparmos a um longo estudo. Não nos julgamos por isso mais do que na realidade somos; a nossa maior honra seria sermos discipulos de tão digno sabio.

«Na Nota a pag. 20, col. 2.ª lin. 7, lê-se:

«*Porque é muito de presumir que el-Rei D. Affonso Henriques não soubesse ler.*

«Não o accreditâmos, porque em Alcobaça existiam muitas assignaturas do seu proprio punho, maximè a da doação feita aos monges de Alcobaça, que estava em lettra muito boa, e clara (original).

«Na Nota a pag. 19, col. 1.ª lin 65, lê-se:

«*Já lá vai o tempo de se discutirem, muito profunda e eruditamente, estas piedosas contendas.*» (Fala o autor do Apostolo Santiago). «*Custa a acreditar até, que o Apostolo viesse em vida ás Hespanhas, onde posesse por primeiro Bispo de Braga S. Pedro de Rates, quanto mais depois de morto.*

«Este bocadinho (perdôe-nos o autor) en-

contra o nosso fanatismo religioso, porque a Egreja canta:

Grates refert Hispania
Felix tuo quæ nomine
Te gloriatur jugiter
Digna sacris ossibus.

«Quando, mais a baixo, vemos negado o primeiro fundamento da gloria da Monarchia portugueza, a apparição a el Rei D. Affonso I, confessâmos que extraordinario é o nosso sentimento, vendo que um homem tão sabio, e a inveja da nossa edade, assim tocou o limite de uma opinião inteiramente nova, ao menos absolutamente contrária a uma tradição tão antiga e tão bem authenticada. D. Affonso pugnava pela fé de Christo, e pelo augmento da sua Religião; ¿que muito, pois, que o seu zelo merecesse de Deus um prodigio? Nós nenhum impossivel encontrâmos n'este Divino favor, se a existencia de um Deus Verdadeiro e da sua Divina Religião são artigos de fé.

«Se pretendemos negar os prodigios extraordinarios obrados pelo Poder Divino em todas as epocas e edades desde o principio do Mundo, negaremos o peccado de Adão, e o exterminio do Paraiso, as taboas da Lei dadas a Moisés, e todos os mais acontecimentos formidaveis, que a Historia Sagrada e a Universal nos contam e authenticam.

«Conhecemos bem que não é objecto de fé; ¿mas para que procurar a celebridade de negando um requisito que mais lustre e gloria dá ao Throno portuguez?! Appareçam os «*Quadros historicos de Portugal*» transmit-

tindo aos vindouros a grandeza dos seus heroes, e deixemos á inveja dos estrangeiros roubarem-nos alguns preciosos requisitos e ornatos que teem esmaltado este Reino, tão pequeno como célebre.

«Elogiaremos sempre o zelo com que o snr. Castilho faz triumphar do esquecimento os factos gloriosos da nossa Historia, deixando á posteridade maximas politicas e moraes; e por isso não levaremos a bem, que tocasse este extremo. Elle tem summa bondade para nos desculpar.»

*

Na «*Estrella*» de 3 de Maio lê-se:

«A seguinte carta do D.or o snr. Antonio Feliciano de Castilho é motivada pelo que dissemos em o numero 146, quando recommendámos a leitura do 3.º Quaderno dos «*Quadros historicos de Portugal*», elogiando, como deviamos, esta primorosa obra.

«Jamais seguimos a doutrina dos discipulos de Pythagoras, jurando *in verbo magistri*; e por isso, com o espirito de imparcialidade que nos caracteriza, e com a ousadia que imprimem em nosso coração a independencia e o amor da verdade e do estudo, offerecemos as nossas duvidas, mas nunca indicámos erros, pois bem nos conhecemos.

«Do que dissemos, o Publico é o verdadeiro juiz; sustentar teimosamente a nossa opinião absolutamente contrária sería um absurdo, porque, alem das opiniões dos es-

critores, que temos a nosso favor, nada mais nos resta, e então as armas são eguaes.

«Não negamos ao snr. Castilho o seu amor patrio, nem tão pouco o seu eximio talento e raro engenho; mas não nos pode ser prohibido dizer que, afferrados á antiguidade, veneramos e veneraremos sempre a tradição mais remota, preferindo a d'aquelles escritores que penderam mais para o elogio da Monarchia e do Throno, e para o *fanatismo* religioso.

«Possuidos já agora d'este erro, sem que a elle nos liguemos pelos vinculos da Fé, desceremos á sepultura satisfeitos da nossa fraqueza; isto tanto mais, quanto lermos e relermos nos primeiros «*Quadros historicos*» do snr. Castilho aquellas raras façanhas, aquelles incomparaveis portentos de Religião, de Fidelidade, e de amor da Patria, e de valor nos combates, que não vemos nos modernos Quadros, que desde a Revolução franceza se teem offerecido aos nossos olhos.

«Se tanta gloria se ganha sem saber escrever, e com um puro fanatismo, nós quereriamos que na nossa edade houvesse a mesma ignorancia, e não houvesse tantas luzes, que offendendo a retina, teem influido no cerebro e retalhado uma Nação, que se acha effectivamente dividida em partidos, e envergonhada pela sua estatistica criminal.

«Agradecemos ao snr. Castilho a civilidade com que nos retribue, e, ainda que de nós o não exigisse, dariamos francamente toda a publicidade á sua carta. As columnas d'este Jornal receberiam grande gloria, se um sabio tão conhecido quizesse mais uma vez

honral-as com as producções do seu delicado engenho.»

A Carta de Castilho é esta:

Snr. Redactor da «*Estrella*»

Agradecendo a V. os mais benevolos do que justos elogios, com que me honra no seu n.º 146, por occasião de falar do meu 3.º Caderno historico, devo, não menos agradecer as censuras que ahi encontro, filhas de bom zelo, portuguezas na intenção, e cortezes, como bem cabe entre literatos. Mas, por isso mesmo que ellas são taes, e eu as não tenho comtudo por muito bem fundadas, responder-lhes-hei em poucas palavras, ás quaes espero que V. dê cabida no seu periodico.

Não é V. a unica pessoa que se tem enganado, cuidando que existem assignaturas autógraphas do snr. D. Affonso Henriques. Nenhumas ha, nem no cartorio de Alcobaça, nem no de Santa Cruz de Coimbra, nem na Torre do Tombo, nem em outro algum Archivo do Reino. E do de Alcobaça importa notar, que é esse o mais falsificado, á conta da fabrica dos documentos de Frei Bernardo de Brito e Companhia.

Este não saber escrever um Soberano por aquelles tempos, não é por que espante, nem o desdoira. De Justiniano e Carlos Magno se duvída que o soubessem. O officio de guerrear impedia todos os outros estudos. E (para nos servirmos das proprias palavras do maior paleógrapho de Portugal, o snr. João

Pedro Ribeiro, na 15.ª das suas «*Dissertações chronologicas*» pag. 81) «*a* «*incursão dos Barbaros no 5.º seculo obrigou na Europa a cuidar mais na guerra que na arte de escrever. Esta ignorancia chegou ao seu cumulo nos 10.º 11.º e 12.º seculo. Nem se reputava defeito a mesma ignorancia, que as maiores personagens, ainda ecclesiasticas, confessavam sem rebuço nos documentos. E' certo que, até o senhor D. Diniz. de nenhum dos nossos Soberanos resta assignatura, posto que não nos consta a rasão. Pedro de Negara em um documento da era de 1131, do Cartorio do Cabido de Coimbra, diz que manda subscrever o seu nome. Em outro documento da era de 1133, tambem do mesmo Cartorio, Fernando Presbytero diz que na sua presença mandara subscrever o seu nome. Em um praso do seculo XV do Mosteiro de Villa Boa do Bispo assigna só o Prior, declarando o não fazem os mais Conegos por não saberem. No anno 1449 assigna por seu marido, e com o nome d'elle, um documento a mulher de João Alves Pereira, da illustre casa da Feira, declarando que tal era o seu costume, pois elle não assignava. (Cartorio da Camara do Porto, Livro das vereações do anno de 1448 e seguintes fl. 73* e *74). Alguns Clerigos, e principalmente Monges, é que tinham o uso e pericia de escrever: eram elles os notarios de todos os documentos, e ainda d'aquelles em que tinham interesse, e as assignaturas das partes suppriam por cruzes e outros modos.*

Isto mesmo, que o snr. João Pedro Ribeiro escrevia, nos tinham confirmado pessoas mui sabedoras na materia, e particularmente quem com este intuito tem consultado a Torre do Tombo.

Quanto á vinda de Santiago ás Hespanhas, não vemos inconveniente algum religioso em não crer n'ella. Varões muito religiosos a teem impugnado, entrando n'essa conta piedosissimos collectores de vidas de Santos.

Argumenta V. com quatro versos de um hymno a Santiago cantado pela Egreja; podéra com mais fôrça ainda argumentar com o hymno mosarabe transladado por Flores na «*Hespanha sagrada*», e pelo qual se prova que essa crença já datava de antiquissimos tempos, quando todas estas partes eram ainda de Moiros; mas o que um devoto poetisa, e uma ou outra egreja, por sua particular devoção, adopta e canta, pouco ou nada prova para a Historia. Parece-me que muito mal guiado irá o zelo, que, para servir ao Christianismo, n'um seculo discursador como este, pretender introduzir, ou conservar, artigos de Fé excusados, e desacompanhados da boa razão. Bases tem o Christianismo assáz valentes, porque são de eterna verdade; dispâmol-as de ficções humanas, que, parecendo coisas fracas e indifferentes, são da mesma sorte que as plantas que o vento semeia, e que se arraigam com o tempo pelas juntas dos edificios: cunhas e alavancas insensiveis, que os descosem e arruinam.

A apparição de Christo ao senhor D. Affonso nem é de fé religiosa, nem historica.

O negal-a não seria *opinião inteiramente nova* Mas relendo-se o texto e a nota attentamente, ver-se-ha que nós por nossa parte nem affirmámos nem negámos, antes deixámos aos que folgassem de crer mui boa licença para assim o fazerem, quando no texto escrevemos:

Verdade, ou mentira piedosa, milagre do insondavel poder divino que o obrasse, ou milagre do amor patrio que o fingisse, todos o crerão.

E mais largas ainda lhe demos na nota, inclinando nos á coevidade, ou quasi coevidade d'esta narração. V. nunca nos arguirá, com razão, de procurarmos cercear nem a ponta de uma folhinha á Corôa da Patria. Tão portuguezes somos de coração, que se para algum extremo houvessemos de forcar a consciencia e a rasão, seria antes para lhe ajudar a gloria, que para lh'a escurecer.

Concluindo esta carta, confesso a V. que sinto uma especie de magoa por não ter podido convencer me de algumas das censuras tão patriotica e tão cortezmente feitas porque assim eu haveria dado a V uma prova clara já da minha boa fé, já da minha docilidade para com quem procura instruir me.

Continue V. (e a todos os senhores redactores de jornaes peço o mesmo) a apontar me, n'esta ou em qualquer outra minha obra, todos os erros ou descuidos em que possa ter cahido.

De V.
muito attento venerador
e obrigado

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

VII

Carta a Joaquim Hellodoro da Cunha Rivara então Bibliothecario em Evora.

(1840)

Lisbonne, ce 6 Mai 1840

Monsieur et cher ami.

Quelque absorbé que je sois dans mes nouveaux intérêts de famille, je ne veux pas retarder la réponse que je vous dois; les devoirs de l'amitié et de la reconnaissance ne sont pas moins sacrés que ceux de l'amour.

Mais comment avez-vous deviné, non seulement que j'avais un petit poëte, mais le jour, l'heure, et le quart d'heure ou il est né? N'est-ce pas notre ami Varnhagen qui vous l'a mandé? Il faut maintenant que vous sachiez que c'est un fameux bambin, fort, parfaitement constitué, charmant en un mot. Dieu veuille qu'il y ait dedans quelque chose de bon, et que l'avenir ne me fasse pas payer trop cher les plaisirs d'aujourd'hui; car, je vous l'avouerai, je calcule pour ce pauvre petit être toutes les chances possibles, soit du côté de la fortune et des évènements

que personne ne saurait prévoir, soit du côté de lui même, de ses qualités ou de ses défauts, de ses talents ou de sa bêtise; et la seule possibilité de malheur pour lui prend déja dans mon imagination trop de corps et de pouvoir, pour ne pas me tourmenter un peu. Cependant, jusqu'ici tout ce qui se rattache à sa petite histoire a été tellement heureux, qu'il faut espérer que des auspices aussi favorables ne tromperont pas. Je m'arrête là, car je crains de devenir ennuyeux comme la plupart des papas, qui ne parlent que de leurs marmots, chose fort pardonnable, fort raisonnable même, si l'on veut, mais ennuyeuse au dernier degré.

Comment se fait-il que vous ne soyez pas mécontent du portrait que je vous ai envoyé? Vous êtes donc trop bon, car je vous dirai franchement qu'il a déplu à la plupart de ceux qui me connaissent; et n'allez pas vous imaginer que j'entends par là que je suis plus beau que ma copie; c'est l'invention du peintre qui déplaît dans cet ouvrage, c'est ce manteau, c'est cet air qu'il m'a donné d'un voleur qui se présente devant le jury, le vol à la main pour servir de preuve dans son procès. Sendim a beaucoup de talent; mais cela n'empêche pas qu'il ne se trompe parfois sur les moyens de produire de l'effet par l'originalité.

Que je regrette, mon cher ami, de ne pas pouvoir accepter cette foule d'éloges que vous prodiguez à mon article sur Geraldo! Je suis des pères qui ne s'abusent pas sur les défauts de leurs enfants; celui ci est vraiment le plus chétif de tous ses frères, ce qui est

dû à la petitesse du sujet, et au peu de temps et de loisir que j'ai eu pour le soigner. Comme ouvrage littéraire je n'en connais guère de plus faible: pas d'invention, pauvreté de langage, et, surtout, pas un seul trait remarquable, si ce n'est la description de Montemuro, et celle de la tour mauresque, que j'ai eu le bon esprit de mettre telles, à peu près, que vous me les aviez envoyées. Ainsi, si quelque chose de bon se trouve dans mon Geraldo, à vous les honneurs; et la note où il est question de vous, ne contient qu'un acte de la justice la plus stricte, et un petit àcompte pour le payement d'une dette bien considérable.

Deux mots sur la nudité de Geraldo: c'est Sendim qui l'a voulu représenter comme vous le voyez, afin de prouver son savoir-faire en fait d'anatomie pittoresque. J'ai consenti, et j'ai même trouvé qu'il y avait de la vraisemblance à cette manière de voir, car on observe généralment que pour grimper à un arbre, au haut d'un mât etc., tout homme a l'habitude instinctive de se dépouiller, afin d'avoir les mouvements des bras plus dégagés; au reste ça a été peut être une bévue, et de sa part et de la mienne. Homère sommeillait; il nous est donc permis à nous de dormir et de rêver.

Je me trouve fort heureux d'être à même de satisfaire à vos desirs quant aux journaux français; vous allez donc recevoir désormais *le Siècle*, c'est un des meilleurs journaux qu'on publie à Paris, surtout pour les feuilletons, oú vous trouverez souvent, parmi d'autres noms assez beaux, celui d'Aléxandre Dumas.

Pour la politique, il est vrai, ça penche un peu du côté du Panthéon; mais c'est égal; du moins les Panthéons français ne sont point des imbéciles, comme les nôtres; et lors même qu'ils ne sont point raisonnables, ils sont encore spirituels.

Je connais M. Sergio da Fonseca; il est de mes amis; je vais donc m adresser à lui, et j'espère que nous aurons tous les deux à nous louer de son exactitude.

J'essaierai (mais je ne suis pas encore sûr de réussir) de vous envoyer aussi le *Courrier français*.

Avant que de finir je vous dois des excuses de ne pas vous écrire dans la langue que vous aimez, et que vous cultivez avec tant de succès; mais ma femme est au lit, et la personne, qui a eu la complaisance de la remplacer dans l'emploi de mon secrétaire, est française.

Tout à vous.

CASTILHO.

P. S. — Seriez vous assez bon pour vouloir vous donner la peine de m'envoyer un petit échantillon de la traduction d'Ovide par Candido Lusitano, et une idée quelconque sur les principaux mérites de cette traduction, ainsi que sur les notes qui l'accompagnent, si par hasard il y en a? Quant au texte, une cinquantaine de vers serait assez. [1]

[1] O original d'esta carta existe na Bibliotheca de Evora, onde foi para nós copiada pelo intelligente e laborioso escritor o snr. Antonio Francisco Barata, nosso bom amigo.

OS EDITORES.

VIII

Parecer de Antonio Feliciano de Castilho officialmente dado na sua qualidade de Socio do Real Conservatorio de Lisboa á Inspecção Geral dos theatros.

(1840)

Examinei a farça em um acto, intitulada —*Pancada na Bola*, ou *Oh Roberto! Oh Roberto! Pim! Pim!* que por despacho da Inspecção Geral dos Theatros me foi distribuida em data de hoje 27 de Maio de 1840, para dar sobre ella o meu parecer.

Entendo que por nenhum caso se deve consentir a representação de tal farça n'estes cincoenta annos mais chegados, em theatro algum do Reino, muito menos nos de Lisboa, e muitissimo menos no que é subsidiado da Nacão para norma de theatros, e com esse titulo se condecora.

E' a linguagem d'este improviso dramatico incorreta, inculta, e grosseira; a invenção nulla, que não passa de fria repetição do *Manoel Mendes* e mais entremezes velhos portuguezes; nem sombra de caractéres; nem

um ar ou um longe de gracejo, a que se possa decentemente sorrir.

Não com tudo por alguma d'estas razões, ou por todas ellas juntas, a condemno; peor e mais incuravel achaque a faz indigna da honra de ser representada, e muito mais n'esta época, em que se mantem junto com o Theatro, custosamente pago pelo Thesoiro, um Tribunal encarregado de o vigiar e darlhe bom ensino.

E' a mesquinha e unica intenção apparente d'esta peça ridiculisar um cidadão honrado e pacifico, já victima, e por muitos modos victima, não de um crime nem de uma imprudencia propria, mas de uma intriga de quem quer que fosse, e da malevolencia pueril das turbas, malevolencia não provocada, tumultuosa, e já por fim anarchica. Esta anecdota, demasiadamente conhecida em toda a cidade, já de brinco mão, em que principiára, passou a mui reprehensivel e punivel crueldade. As suas tristes consequencias sabemn as todos: um velho desgraçado, uma familia coberta de vergonha, um estabelecimento perdido, um filho impossibilitado de continuar os estudos publicos em que se habilitava para ser util a si e á Patria; e tudo isto sem sombra de culpa nos que padecem; assoadas, ferimentos, um homicidio, segundo consta, prisões, processos crimes installados, que poderão muito bem rematar em rigorosos castigos.

D'esta simples exposição resultam duas considerações ponderosas: primeira: que de tão atroz materia seria coisa infame fazer um brinquedo e divertimento publico, e mais

infame coisa ainda, quando, não havendo na farça especie alguma de merito, esse projectado homicidio moral só podia ser havido por mera especulação, com a qual se procurava judaicamente encher a bolsa com o preço, se não do sangue, certamente das lagrimas do innocente. E pondo ainda aqui de parte por um momento a questão da immoralidade, seria facillimo de provar que nenhum homem, nem corporação, tem, nem póde ter, o direito de traficar com a honra e felicidade alheia; e que se alguem o fizesse, e se as autoridades ou justiça publica o não castigassem, nenhuma acção teria elle para se queixar, se o offendido lançasse depois mão de quaesquer meios para seu desaggravo pessoal, e na falta das leis se levantasse a honra do traficado, para tomar por suas mãos vingança do traficante.

A merecida ruina d'este acharia por ventura recurso nos tribunaes; mas o tribunal supremo, a razão e a consciencia publica, absolveria, e applaudiria o feito.

De obscenidades e satyras pessoaes se compôz o theatro na sua infancia; contra umas e outras se declarou o progresso da civilisação As obscenidades da scena, tão bemquistas da relé, nunca d'entre nós se chegaram a extirpar, e ainda hoje, por nimia indulgencia de censores, algumas vezes campeiam despejadamente, impossibilitando a muitas familias honestas de assistir ao mais agradavel dos divertimentos. Mas os libellos diffamatorios, de cujo uso ou abuso nos deixou amostras Gil Vicente, e que Antonio Xavier e José Agostinho de Macedo escan-

dalosamente tornaram a sacar a publico em comedias da nossa infancia, os libellos diffamatorios, contentes com a Imprensa que senhorearam, pareciam ter deixado de uma vez livre o theatro, onde a satyra geral, satyra licita, proveitosa, e honrada, era a unica em nossos dias que se afoitava a levantar cabeça.

Esta farça, verdadeira satyra pessoal e libello diffamatorio, nos recuaria para além da rudeza das carradas de Thespis, de que tão afastados nos cuidavamos já, e nos abateria no juizo de todos os que o teem, até á condição, de bando silvestre, que nem ainda principia a domesticar-se.

Por mim digo, e em minha consciencia o entendo: que se a alguma d'estas duas pestes, devassidão ou satyra, houvessemos de ceder forçadamente o theatro, muito antes o desamparassemos á luxuria, que á petulante maledicencia. Das torpezas declamadas ou representadas, póde qualquer preservar-se fugindo lhes; mas as baterias que um vosso inimigo, ou um cubiçoso, assestar n'um tablado, bombardear-vos hão onde quer que vos escondais, no fim do Reino, no hemispherio opposto, no fundo da sepultura. As immodestias de uma prostituta podem não excitar senão o desprezo; mas a um furioso, que apedreja a quem passa, é precisão e dever amarral-o.

Porém se tudo isto é assim, como certamente é, se a satyra theatral é um crime de profunda immoralidade, ¡quanto não sobe ella de ponto no presente caso! aqui a satyra, não contente de ser satyra, é de mais a mais

aleive; com a ridicula anecdota, que deu titulo á peça, se reuniram varias outras tambem offensivas, como a da *louça é barro*, a do *chapéo de sôpro* e a *da gallinha constitucional*. Sem deixar assim de offender a mais tres cidadãos por commemorações intempestivas e maliciosas, o autor da farça pareceu deliciar-se em accumular esse contra-peso de mais tres baldas áquelle em que já a primeira era de mais, pois que é notorio que esse pêco e insulso caso da proverbial cantilena, ou não existiu, ou, se existiu, nada teve nem com o ancião a quem foi attribuido, nem com pessoa alguma de sua sisuda familia, que tão acerbamente o tem pago.

A segunda consideração, que eu disse se podia deduzir do acontecido, é a que tem por objecto a policia e tranquillidade publica. N'esta me não quero eu demorar, por serem tão obvias as razões, que eu podéra tocar, que a todos os olhos estão saltando: perguntarei sómente, se n'uma Cidade onde a fôrça publica se appressa de acudir a qualquer enxovalho publico, por levissimo que seja, se póde ou ha-de consentir n'uma injuria maxima, acintosa, estudada, annunciada em cartazes e jornaes, e que talvez, a despeito de tudo, houvesse de ser applaudida, porque para tudo se acham mãos e vozes na sentina de uma Capital?

Por derradeiro pergunto: se o injuriado, se os parentes, amigos, e collegas do injuriado, se muitas pessoas das que se indignam perante uma injustiça flagrante, concorressem a tal espectaculo, e, por uma talvez desculpavel e diminuta represalia, misturassem com

as pateadas, pessoaes injurias ao autor, ao emprezario, ás autoridades, e aos comediantes; se então ahi o tumulto viesse a produzir effeitos analogos, e talvez superiores aos que a assoada das ruas já produziu, ¿quem seriam os responsaveis, quem seriam os condemnados pelo juizo publico?

«Tomar-se-hão providencias», se responderá.

Muito bem; assistir-se-ha pois a uma farça como a uma execução patibular; e, em quanto na scena se não acabar de assassinar bem assassinada a honra de uma familia, ¡as bayonetas estarão de roda para que ninguem ouse interromper os nobres trabalhos dos comediantes executores da alta justiça theatral!

Taes são os fundamentos do meu parecer; mas o Illm.º e Exm.º Sr. Conselheiro Inspector Geral dos Theatros determinará o que entender e fôr servido.

Lisboa 27 de Maio de 1840.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

IX

Versos compostos em nome da 2.ª mulher de Castilho, e escritos no album de sua irman, então muito nova, e solteira, em frente de um desenho que representava duas crianças, uma d'ellas retratando a outra.

(1841)

Episode charmant du bonheur domestique!
Oh! s'il était pour nous un tableau prophétique!
Deux enfants, deux cousins, qui s'aiment, qui sont là!
Heureux, comme jadis nous l'étions à leur âge!
Deux enfants de deux sœurs! l'espoir de leur ménage!
Ma sœur, conçois-tu rien de plus doux que celà?

Regarde; les vois-tu? le cousin qui dessine!
C'est peut-être un portrait de sa belle cousine.
La petite au travail s'intéresse à son tour.
Lieu! que notre existence en serait embellie!
L'amour naîtra des jeux, et l'hymen de l'amour.
Je t'ai donné mon Jule, et j'attends ta Julie.

Lisbonne
le 9 Décembre 1841.

X

Verdade incrivel

(1842)

Ha entre o berço e o toucador um intervallo curto e florido, onde os entes que um dia serão mulheres, riem resplandecentes com uma auréola de celeste innocencia; e, como anjos despidos de suas azas, namoram as almas com tão irresistivel poderio, como aquelle com que mais tarde veem enfeitiçar os corações e os sentidos.

Se houvera idólatras da puericia feminil, essa idolatria poetica sería, de quantas existiram, a unica, nem indigna da piedade, nem indecente para a razão.

Na menina se reunem: o crepúsculo da infancia, que transmontou, e a aurora do dia estivo da mocidade, que a espera.

As suas graças não são já a fraqueza e ignorancia absoluta; não são ainda a intelligencia que adivinha os perigos, o pudor ou a virtude que os destramam, ou a consciencia da fraqueza propria, que é toda a fôrça, todo o heroismo da mulher.

E' um ramalhete de flores de diversas quadras, cujo perfume bonissimo parece mais do Ceo do que da terra; nada alembra de

frutos, porque por si basta para delicias; diz muitos prazeres, mas todos de virtude; e até nos interiores mais encharcados e corruptos adormenta, ou destroe, a praga sempre vívida e pululante dos impuros desejos.

¿Quem acreditaria que até d'estas flores celestes teceria corôa para si a impiedade brutal de nossos dias? E comtudo esse impossivel realizou se.

Peores do que os selvagens, que, para colhêr um fruto, cortam a arvore pelo pé, tem havido na segunda cidade de Portugal demonios humanados, que de meninas de oito a dez annos teem feito victimas de seus danados amores, de sua hydrophobía sensual.

Ardem-nos as faces, e refogem-nos as palavras, porque ha ahi mães e paes que nos poderiam ouvir; mas, por isso mesmo que, ha ahi paes e mães, importa que se lhes não esconda o a que se podem arremeçar os que, despedaçando os mais fortes vínculos da Religião e da Natureza, só (por desgraça nossa) dos que os prendem á sociedade se não podem desatar.

Leiam pois o que uma folha pública do Porto, o *Periódico dos pobres*, n.º 177, de 29 de Julho de 1842, lhes denuncía.

«Consta-nos por um modo indubitavel, «que ha tempos a esta parte se teem escan-«dalosamente repetido varios casos de des-«florações em crianças de oito a dez annos. «De uma d'estas victimas sabemos que está «no hospital, inficionada de males; de outras «nos consta que estão por casas particulares. «O respeito devido á desgraça nos não per-«mitte dizer nada mais sobre este objecto,

«que merece o maior cuidado dos chefes de «familia.»

*

Aos paes de familias se dirige sómente o escritor; é muito, mas não é tudo. Sólt um grito de execração, que provoque repetidos eccos por toda Imprensa portugueza, até que as Autoridades acordem, e descarreguem despiedadamente a espada da Lei contra as cabeças de taes monstros; não haja para elles refúgio nem asylo. Se se embrenharem em montes de oiro, entre os seus montes de oiro os esmaguem como a serpentes. Se se acastellarem nos cumes das honras e do poder, para lá lhes disparem como a abutres. Se se acoitarem á sombra dos altares, no angulo de seus estrados lhes rompam a testa. Reconheçam as Autoridades toda a importancia e responsabilidade do seu sacerdocio moral; por indolencia, por fraqueza, por contemplações, não se tornem de mantenedores, que são, ou devem ser, da paz e bons costumes, complices de taes facinorosos, e ainda menos desculpaveis do que elles; porteiros e introductores d'este novo genero de prostibulo; pacientes eunucos d'estes serralhos desalmados.

Todo o magistrado, que, podendo, deixasse de punir tamanho horror, merecia que o pae da inculpada prostitutasinha, depois de arrancar a infame virilidade ao seu corruptor, lh'o arrastasse aos pés do tribunal, o apunhalasse á sua vista, e, escarrando na face de ambos, fugisse para onde os seus olhos não podessem nunca mais encontrar

autores e consentidores do que deshonra e espanta a Natureza.

¿Quem a um tal homicida se atreveria a condemnal-o, ou perseguil-o? As mulheres virtuosas lhe lançariam bençãos, e diriam a suas filhas:

—Espalha flores diante dos seus passos; ali vai um homem virtuoso.

E aquellas mesmas que vivem de vender o seu pudor, a sua fecundidade, a sua belleza, a duração de seus annos viçosos, e a melhor parte do seu quinhão nos bens d'este mundo e nos do outro, essas mesmas para quem a virtude nem já é uma palavra, nem uma recordação, correriam talvez a fulminar improperios sobre o cadaver do prostituto prostituidor.

*

¿Onde haverá para o nosso cancro moral remedio que hoje baste, se o ferro saudavel da Lei se descuidar de o ir cortando?

Vinte annos de revoluções e guerras, depois de seculos de despotismo e desgovêrno, insufficiencia de leis, insufficiencia ainda peor de boa vontade; carencia quasi absoluta de criação e de religiosidade; anarchia de ideias e de principios; eram agentes mui poderosos para nos insarem d'estas e peores vergonhas

Mas acresceram a tudo isto os pestilentes vómitos quotidianos da nossa Imprensa literária, as novellas derramadas a folha e folha, e a todas as horas, sôbre o mostrador do caixeiro, sôbre o leito da virgem, sôbre a *Grammatica* do estudantinho, sôbre a ta-

rimba do soldado, sôbre a banca do jurisconsulto, sôbre a meza da cozinheira, sôbre a almofada da senhora ,sôbre a alcôfa do remendão, sôbre o *Breviario* do Ecclesiastico, sôbre tudo, sôbre todos, e sôbre todas emfim, porque n'isto é a chuva do diabo como a de Deus, que não differença bons de maus; e, assim como a do ceo a todos mólha, assim a do inferno a todos alcança, a todos alaga, e a todos a final vem a afogar.

D'estas novellas, umas, como as de Frederico Soulié e George Sand, atacam o entendimento por todos os pontos; reduzem tudo a problema; sophismam todas as convicções; erigem em dogma unico o egoismo, e a impossibilidade de virtude alheia ou propria; outras, como as de Pigault-Lebrun e Paulo de Kock, abraçam se com a vontade, imbuindo-a de todos os apetites mais assoladores; e de umas e de outras herda o Theatro, que é a Literatura em acção. As primeiras lavram profundamente a alma; as segundas lançam n'ella todas as sementes venenosas; a licença desenvolve e prospéra a sementeira.

Se os braços que podem, não acudirem a cortar de contínuo esta seára amaldiçoada, ¿que Jeremias terá vozes ou lagrimas para as calamidades que no futuro nos aguardam?!

A Restauração de 8 de Agosto de 1842.

XI

Duas traducções portuguezas de Méry.

(1844)

Advertencia dos Editores.

Do engraçadissimo escritor francez Méry era Castilho muito partidário. Fascinava-o aquelle chiste leve, com que elle apolvilhava os seus folhetins, as suas críticas, os seus romances, as suas relações de viagem. O parentesco espiritual de Méry com o grande Dumas era talvez mais um motivo de attracção.

Nós outros hoje em dia, verdade verdade, achamos talvez essas phantasias humoristicas, e esse estylo. dos homens de 1830, um tanto fora de moda alguma vez. A maneira de escrever, a malicia literaria, o chiste, a propria linguagem, mudaram, como as golas das sobrecasacas, as ideias politicas, e o córte das calças. Se para melhor, se para peor, não nos compete decidir.

Ora, mas por isso mesmo que houve radicaes mudanças, por isso mesmo que as pennas de cisne com que escreviam Lamartine, Dumas, Hugo, Balzac, Nodier, Scribe,

ou Méry, se trocaram em pennas de aço agudas como escalpellos, é que as obras d'aquelles notaveis batalhadores e pintores nos seduzem como novidades antigas do maior interesse.

¿Que importa que á tarde, pela Avenida fora, passe uma carroagem antiquada entre os primores da carroçaria moderna, entre as motocycletas e os automoveis do ultimo feitio? Se quem vai dentro é nosso amigo, nos sorri, nos agrada, e nos saúda, seja mil vezes bemvindo.

Méry foi um elegante, muito bem apparecido, muito requestado, muito festejado, na melhor sociedade de París. N'um almôço ou n'um jantar, era elle sempre a melhor parte do *menu*. Em conferencias literarias, lendo a primor, ou discursando com eloquente fluencia, fascinava. O seu falar era um *feu roulant* de paradoxos, epigrammas, descripções, narrações brilhantissimas. Alexandre de Castilho (irmão do nosso Poeta) lá o conheceu, e não se cançava de o elogiar.

Toda a vida gostou immenso Castilho Antonio de que lhe lessem Méry; e (não se sabe como, nem para quê) traduziu por desfastio, ou por exercicio, n'alguma hora vaga, alguns fragmentos do primoroso folhetinista. *Le bonheur d'un millionnaire*, e *Une nuit au sérail*, passaram assim para o nosso idioma; e em 1844 resolveu Castilho publicar em volume essas e outras graciosas bagatellas.

Traduzir com pericia é sempre difficil. Custa de certo a traduzir do latim, com ser quasi portuguez; mas do francez custa muito mais. Aproveitando-se dos dois brilhantes

opusculos do afamado contista parisiense, deu-nos por elles o traductor uma boa lição da nossa Lingua. São riquissimas (como se vai ver) estas versões, riquissimas em estylo muito nosso, em locuções pittorescas e originaes, em donaires de consumado linguista. Não vemos ahi a algaravia derrancada, pobre, e sem côr, que se fala nos jornaes e nos botequins; temos uma tinta vigorosa, toda camblantes, e toda musica.

Dissemos, pouco a cima, que estas coisas as deitou Castilho em 1844. Fundámo nos no seguinte: achavam-se prontas e impressas, embora em comêço de edição, sem fôlha de rôsto nem final, no mesmissimo formato, no mesmissimo mau typo, no mesmissimo pessimo papel, da 1.ª edição das *Excavações poeticas*, sahidas n'aquelle anno. Possuimos d'esse incompleto livro as 6 primeiras fôlhas desde pagina 3 até pagina 98; e quem por acaso as possuir tambem, pode gabar-se de uma verdadeira raridade bibliographica e bibliophílica.

Para não se inutilisarem de todo estas fugitivas obras, sumidas sessenta e quatro longos annos, aqui as inserimos. Graça nacional, apesar de estrangeiras, brilho e leveza de toque, conservam-n-os de certo estas paginas, que parecem antes originaes do autor dos *Mil e um mysterios*, do que meras cópias do eminente pintor de *La guerre du Nizam*. Isso mostra o que valia o traductor portuguez, que, por assim dizer, conseguia recobrir com a sua individualidade poderosa os modelos forasteiros.

Advertencia do traductor.

O que hoje offerecemos a nossos leitores é um estudo, ou exercicio, que só para nosso uso particular haviamos feito, do verdadeiro modo como os autores hão-de ser traduzidos: isto é, com fidelidade, e liberdade; conservando as galas nativas, e parecendo ser-se original. O autor d'estas graciosos novellinhas é Monsieur Méry.

Monsieur Méry não appareceu no principio (e por muito tempo) no mundo literario, senão como meio-poeta; isto é, como collaborador, ou co-autor, de Monsieur Barthèlemy, nos seus afamados poemas politico-satyricos.

Por muito tempo, aquelles dois engenhos não fizeram senão um todo indivisivel, sem que ninguem podesse adivinhar qual dos dois era, n'este extraordinário e dúplice escritor, a parte mais terrestre, qual a parte mais espiritual, qual o principal, qual o accessorio.

Como quer que fosse, todos os poemas que sob esses dois nomes appareceram, grangearam uma celebridade, que, apezar de terem passado as circumstancias que os inspiravam, ainda hoje subsiste, e ha-de ser confirmada pela História literaria, porque indubitavelmente o poeta Méry, e o poeta Barthèlemy (ou antes, o poeta BATHÈLEMY MÉRY), introduziram (ou introduziu) grandes e proveitosas novidades de ousadia, já sublime, já singela, no estylo, na dicção poetica, na mechânica philosóphica do metro, na opulencia

e originalidade da rima. Foram os autores (ou autor) da democracia poetica sem baixeza, da licença e da anarchia sem despenhos.

Depois que uma pilha voltáica, não de cobre e zinco, mas de prata e oiro, destruiu, segundo se affirma, este compôsto moral, e Monsieur Barthèlemy se condemnou ao silencio politico, e (quasi que tambem o podemos dizer) ao silencio literario, começou Monsieur Méry a apparecer-nos por si só.

Foi então que o mundo, cubiçoso de conhecer á justa o de que era devedor a cada uma d'estas almas, que até ali não haviam compôsto senão uma, poude descobrir que Monsieur Méry, apesar de nunca se ter lido o seu nome senão no segundo logar, não era de sorte alguma um engenho de segunda ordem. Os seus pequenos artigos, com que hoje se adornam á porfia diversos jornaes de França, quasi todos narrativos e descritivos, teem uma belleza intrinzeca, uma elegancia e correcção, uma graça e facilidade, que nos permittem acreditar que, na sociedade literaria em que elle entrava, não fôra o seu quinhão o menos avultado e precioso.

A opinião do nosso instinto (se assim o podemos dizer) é esta: que a vehemencia, a audácia, a bile negra, se não pertenciam exclusivamente a Monsieur Barthèlemy, era elle quem pelo contacto as communicava ao seu collega; em quanto Monsieur Méry lhe influia a sua naturalidade, o calor do seu coração, a amabilidade do seu espirito.

Temos que os nossos leitores hão-de ficar da nossa opinião.

VENTURAS DE UM MILLIONARIO

TRADUCÇÃO DE MÉRY.

(1844)

I

A quem vai pelo caminho de Bethfort, em passando a ponte de Highgate, que atravessa por cima da estrada Real de Londres, apparece uma formosa casa de campo. Pertence esta a um homem que foi cuteleiro em Birmingham, mas que já hoje não trabalha, porque não precisa.

Este ricaço chama-se William (como todos os Inglezes), e Shoffield (como alguns d'elles).

No discurso de trinta annos, tanta facaria vendeu por esse mundo de Christo, que veio a juntar um cabedal por ahi além. Era sabido: de cada faca vendida, ficava lhe de ganho liquido o cabo; em *Providence buildings* não havia quem o egualasse em nomeada.

No proprio dia, em que o seu guarda livros lhe mostrou que já tinha 15 mil libras estrellinas de renda, fechou a fabrica e passou a ser gente, resolvido a desfrutar o que tinha ajuntado com o suor do seu rosto. Assignou logo para o jornal *The Sun*, para ler a quarta pagina de cada numero, que é a dos annuncios; é o mesmo que fazem todos os Inglezes; por isso elles são tão finos na Politica.

Os annuncios quotidianos do *Sun* o induziram a comprar algumas fazendas no con-

dado de Kent (para ficar mais perto de Londres), onde tencionava passar o restante da vida engolfado em gáudios até aos olhos.

II

Na primavera de 1834 entrou o nosso Shoffield de posse da sua casa de campo, junto de Highgate, e tomou dois criados muito sécios, com seus galões amarellos e luvas brancas.

Milne, o famigerado sègeiro de Edward-road, lhe vendeu uma carroagem com tres cavallos e um bolieiro preto, fôrro desde a abolição da escravaria.

A diligencia de Bethfort todos os dias sem falta lhe despejava á porta um salmão fresquinho, e uma lagosta da praça de Adelphi.

Por espaço de quinze dias andou o nosso amigo Shoffield tão satisfeito da sua vida, como um deus da fábula.

No comêço da terceira semana, ao pegar na faca para trinchar o seu salmão, suspirou, e volveu uns olhos de melancholia para a banda do norte da Inglaterra. Figurou-se ao criado, que o patrão se queixava, por modo de pantomima, de não estar a faca bem limpa, e apresentou-lhe um prato com uma duzia d'ellas para escolher. Shoffield disparou tamanho murro contra o prato, que o fez voar em pedaços. O criado no mesmo instante se despediu. Um criado inglez é brioso; ¡podéra não! ¡um homem que nasceu livre, e que traz luvas!

—¡Por vida minha!—exclamou Shoffield—parece-me que está o *spleen* comigo. ¡Quem me havia de dizer, que o não fazer nada fosse coisa tão custosa? ¡Vivia tão satisfeito, na minha fabrica de Providence-buildings! Não ha remedio: vou-me aconselhar com o meu visinho M.r Kemble.

III

Este M.r Kemble é o filho do afamado actor do mesmo nome, e é, de mais a mais, redactor da *Quarterly Review*. E' um homem dos seus trinta e quatro annos, circumspecto como a sua *Revista*, encadernado em uma casaca de côr honesta, e com o seu collete de golasinha revirada. Para o Kemble, pae, tinha Shoffield fabricado uma collecção de punhaes sem ponta, de que se elle servia quando representava de Hamlet ou de Macbeth; e por essa occasião ficára conhecendo o filho.

Estava M.r Kemble, filho, dentro n'uma especie de estufa, meditando um artigo contra os Birmans, quando o seu criado lhe deu parte de que o procurava o visinho Shoffield.

A conversação principiou como entre os Inglezes se costuma: Shoffield assentou-se, e pôz-se a olhar para Kemble; Kemble pôz-se a olhar para Shoffield; e este olhar de um para o outro durou meia hora. Silencio de parte a parte.

Até á noite haveriam aturado assim, se Kemble não tivesse que emendar a prova de um artigo sôbre a crítica das obras de Ta-

pis-koi, mandarim letrado, que floresceu 3587 annos antes da era christan. Não era possivel perder nem cinco minutos mais. M.r Kemble arrancou um ai.

A'quelle *ai*, M.r Shoffield se levantou com uma cara de consternado, como quem percebia que já principiava a causticar. M.r Kemble lhe teve mão, dizendo-lhe sem descerrar os dentes:

—Certamente me querieis dizer alguma coisa, M.r Shoffield. Podeis falar.

—E' verdade, M.r Kemble: queria que me désseis um conselho, já que sois um homem tão sabio.

M.r Kemble resistiu impertérrito ao bote subito d'aquelle encómio, e continuou:

—Vamos lá. ¿Então um conselho sôbre quê?

—Desejo que me ensineis como é que eu hei-de matar o tempo com satisfação. Desde que larguei o officio, pôz-se me no coração uma baceira de aborrimento, que já não posso. ¿Que devo fazer?

—Bom remedio: assignae para a minha *Revista*, M.r Shoffield.

—Não será máu; não será mau; pois assigno por um anno. ¿Quantas vezes sai ella cada anno?

—Quatro vezes. Cada estação, um volume. Mas um volume massiço; 450 paginas.

—Está-me parecendo que isso, só, não será lá muito sufficiente para me entreter tres mezes, M.r Kemble.

—Tambem digo, M.r Shoffield; mas não importa: para isso temos nós bom remedio. Comprae toda a collecção desde 1827; ficais

com quarenta volumes para ler; e assim, já tendes um bom refôrço para dez annos.

—Optimamente; fico com a colleção toda. Agora, outra coisa, M.r Kemble: fazei favor de me dar um rol de todos os divertimentos que n'esta cidade de Londres se podem ter, em havendo dinheiro.

—Divertimentos decentes, ¿não é assim?

—Pois d'outros não quero eu.

—Pois, senhor meu, d'isso é que não ha.

—¿Não? ¡valha-me Deus! procurae bem, M.r Kemble.

—Sim; podeis estender um passeio até ao Grand Cigar-Divan.

—¿Que se faz lá?

—Lê-se a minha *Revista*, e ouve-se um rialejo, que toca o côro do officio de Luthero em quanto se está a ler.

—Eu digo a verdade: não me parece isso muito divertido, M.r Kemble.

—Podeis experimentar.

—Experimentarei. ¿Mas não vos lembra alguma outra coisa?

—Podeis tambem passear no Strand, descendo desde Temple-bar, até Hungerford-market.

—¿E depois?

—Depois... passeais subindo, desde Hungerford-market até Temple-bar.

—¿E isso não custa muito?

—Indo no omnibus, 1 shilling; a pé, coisa nenhuma.

—¿E nada mais, M.r Kemble?

—Sim; podeis tambem pesar o nevoeiro com um demómetro que eu inventei; diverte muito. Com estas variadas distracções, po-

deis passar á regalada o restante da vida. ¿Que edade tendes, M.r Shoffield?

—Cincoenta e oito.

—Não ha tempo que perder. Se quereis gozar da vossa riqueza, não ha tempo que perder. Amanhan, sem falta, lá vos mando pelo meu criado a collecção completa da minha *Revista* ¿Quereis vós duas collecções?

—Venham; praseres, quanto mais melhor.

—Recommendo vos principalmente que leiais um artigo, que vem dividido em sete volumes, sobre o arroteamento do sertão da Nova-Hollanda. Os quatro primeiros trechos do artigo teem por fim provar, que, para tornar saudavel o interior d'aquella grande Ilha, é necessario cortar lhe, pela raiz, uma floresta immensa que tem para o sul. Os ultimos fragmentos são para pulverisar um sabio de Botany-Bay, que me tinha dirigido uma carta, para me convencer de que no sul não havia taes florestas, visto como não existe uma só arvore em toda a superficie da Nova-Hollanda. Lá vereis no meu proximo número o meu oitavo artigo, que demonstra victoriosamente que a tal floresta tem obrigação de existir, e, por signal, que é pantanosa. Veremos o que responde o tal sabichão lá do fim do mundo, á volta do correio, d'aqui a dois annos. Não podeis fazer ideia do gôsto que dão umas discussões assim, tão acezas. N'isto, n'isto é que está o busilis da felicidade.

—Pois meu senhor, vou cheio de alegria —respondeu Shoffield, fazendo-lhe uma cortezia profunda.—Haveis de me dar licença de vos apertar a mão. Desejo-vos saude, e

todas as felicidades. Não esqueçam as duas collecções, hoje mesmo.

E com isto se despediu de M.r Kemble.

IV

A' tardinha d'esse proprio dia, um servo, que não era preto, jungido como bêsta a uma carreta, veio da parte de Kemble despejar á porta de Shoffield uma carrada de *Revistas;* eram tres collecções.

O honrado cuteleiro, vendo este oceano de felicidade broxada, atirou-se a elle de mergulho. Cortou as folhas do primeiro volume que lhe veio á mão, espojou-se em cima das collecções espalhadas, como se fosse n'um colchão, e leu a analyse de um discurso prègado por um missionario protestante, á sombra de uma palmeira da ilha de Owhyhe, aos filhos dos selvagens que tinham morto o Capitão Cook. Este discurso não tinha sido recitado, porque nem os selvagens entendiam o prègador, nem o prègador entendia os selvagens: o missionario tinha-se explicado por signaes. A pantomima durára tres horas, e os selvagens tinham a final adormecido todos. O cutelleiro Shoffield adormeceu tambem, como um verdadeiro selvagem de Birmingham.

V

Ao romper da manhan ergueu-se, e olhou muito desconsolado para a sua cama de ar-

tigos. Sentia a cabeça pesada. Sahiu de casa para respirar o ar livre do campo; enguliu duas duzias de nuvens, que poisavam na terra em estado de nevoeiro. Este emético aéreo alliviou-o muito; ficou leve como um balão, e bamboleou-se suavemente nas virações matutinas. Depois, tomou chá, para desgastar as nuvens que tinha engolido, e tornou a assentar no seu natural.

—Sim senhor; sinto-me soffrivelmente satisfeito—disse elle com os seus botões, e abraçou-se a sorrir.

Mal sahia d'entre os seus braços, quando lhe entregaram um bilhete do seu criado despedido, o qual se chamava John, como todos os criados inglezes. A cartinhola resava assim:

«Se fosseis algum *gentleman*, não digo que se não devessem soffrer os vossos despropósitos; mas como não passais de um cuteleiro de má morte, não admitto que renteis comigo. Fico á vossa espera, de murro feito, na ponte de Highgate. Já tenho padrinho, e tres apostadores pela minha banda; trazei os vossos, se os tendes.—John.»

Foi para elle este bilhete como um sôcco de botar a baixo, disparado no toitiço. Procurou, tornou a procurar por largo espaço, na deserta cachimónia, alguma lembrança que geito tivesse; olhou para o nevoeiro; descalçou as luvas; tornou-as a calçar; desabotoou metade do collete; deu uma volta á roda de um pinheiro; abriu o fura-bôlos e o mata-piôlhos em forma de V; espècou ahi

a barba: e finalmente... arrancou um suspiro d'alma, como prefácio inarticulado do seu solilóquio.

—¡Ora esta!!... ¡Ainda não ha senão dois dias que sou feliz, e já um moço me quer amanhar, só por eu não ser um *gentleman!* Não ha remedio: vou soccorrer-me á protecção das leis.

Chamou pelo bolieiro, que lhe posesse a sege; mas disse-lhe o jardineiro, que todos os criados da casa tinham feito víspere assim como John, e que lá estava pregado um edital em Highgate, e em Cricklewood, em que diziam que todo o cidadão dos condados de Kent e Middlessex, que tivesse a pouca vergonha de se assoldadar com o cuteleiro de Birmingham, com John se aviria.

—¡Meu Deus!...—exclamou Shoffiield. O resto da exclamação congelou-se-lhe no gargalo.

VI

O jardineiro estava rapando a herva n'uma das ruas do jardim, e foi continuando sem tornar a abrir bico.

O malaventurado cuteleiro embrenhou-se no labyrinto da quinta para se aconselhar com as árvores. De passo a passo estacava; esmagava com o bico do pé uma trunfa de relva; mascava folhas de tilia; dizia «My God»; tirava uma pitada da caixa, que não tinha tabaco; engrilava-se diante de uma árvore, com a postura e geitos de quem vai jogar o sôcco; puchava do relogio, e procurava as horas pelo avêsso do mostrador; em

summa: estava n'uma desinquietação, que nem que tivesse debaixo da epiderme nervos francezes ou italianos. Mas o caso era sério e apertado; era mistér resolver-se alguma coisa.

Como o seu haver, e a sua vida, tudo lhe corria imminente perigo, encheu-se de uma nobre resolução: envergou a burjaca do jardineiro, que estava pendurada n'um arbusto, e, desamparando a quinta, tomou sorrateiramente o caminho de Londres, a pé, sósinho, e munido (para o que désse e viesse) com a sua última faca.

Ao passar pela ponte de Highgate, todo o corpo se lhe arripiou, lobrigando lá em baixo, n'uma fundura de sessenta toezas, no recôncavo de um algar, entre umas moitas de cardos florídos, a John, ao proprio John, sem tirar nem pôr, que estava a ensaiar-se com os seus apostadores, para o duello de sôcco. Um d'elles apostava uma corôa, em como Shoffield não vinha.

—Aquelle é que ganhou—disse muito baixinho o cuteleiro; e largou a fugir como uma ventoinha, sacudindo n'aquella terra impia a poeira dos seus sapatos.

Esbaforido e aterrado de veras, só parou para tomar fôlego na taberna de Hampstead, onde pediu meia canada de *porter*. Ao chegar aos beiços o copo de prata barata... deu com os olhos em John, que vinha á frente do seu trôço, e que esgrimia nos ares os punhos sêccos. O *porter* saltou como uma cascata da bôcca do cuteleiro; com o delirio da afflicção, deu um pulo para a rua, gritando: ¡Deus salve o Rei!

O caixeiro da taberna, que era um rapaz feianchão e ruivo, mudou de côr, menos no cabello.

VII

Todos sabem, que na verdejante assentada de Hampstead estão sempre alguns centos de burros inglezes, sellados e enfreados, á espera de ranchos que se queiram ir de passeio até o *cottage* de Cricklewood, que é o Montmorency de Londres.

No meio da assentada ha um lago, que foi cavado pelos burriqueiros, e que a chuva tem á sua conta trazer cheio. E' o sitio onde se juntam os Youngs de Londres, para meditarem uns com os outros, e chorarem sôbre o coração humano.

Shoffield atirou-se a cima do primeiro burro que apanhou; e picando n'elle com a faca, em vez de pua, enfiou pela interminavel rua que vai dar ao coração de Londres, e se chama Tottenham-road.

Vendo aquillo o caixeiro da taberna, arremeçou-se como um raio ao lombo de outro asno, e partiu apóz o caloteiro estragador da sua cerveja. John e os seus completaram a cavalgada de orelha grande, e partiram todos, de turba-multa, na cola do cuteleiro fugidio.

Defronte de Wellington-seminary um *policeman*, vendo passar-lhe assim pelas barbas um homem a galope, pallido, e com uma faca ensanguentada na mão, atravessou a sua varinha diante dos peitos do animal este pregou com o *policeman* em terra es-

tendido como um cação, e toda a cavallaria baixa lhe passou com as patas por cima. Shoffield, desde esse momento, capitulou-se em sua consciencia pelo maior facinoroso de Londres, e logo em espirito viu estarem-n-o enforcando em Tyburn.

Com a furia do correr, tinha entretanto chegado ao cimo das escadas lodosas e escorregadias de Hungherford-market; o burro teve a boa lembrança de parar por si; Shoffield saltou-lhe por cima da cabeça, desceu as escadas aos pulos, e baldeou comsigo para o porão de um paquebote; ahi se alapardou o melhor que poude, livre das perseguições da cavallaria, mas não do susto de que os seus inimigos se houvessem tornado pedestres para o alcançar. Pelo sim pelo não, sempre foi encommendando a sua alma a Luthero.

O paquebote desceu o Tamisa até á ponte de Londres.

Shoffield só subiu á tolda, quando a voz do capitão chamou os passageiros; estavam chegados á terra.

O pobre cuteleiro de Birmingham cuidou ouvir ainda atraz de si, por cima do Tamisa, o tropear da cavallaria de Hampstead; saltou para o caes a toda a pressa; e lembrando-lhe (em bem) que na cidade velha, na rua de Hart, n'uma esquina de oeste, morava um cuteleiro da sua amisade, foi refugiar se para casa d'elle, porque realmente se reputava um grande criminoso; e tanto, que, entrando na sala do amigo, voltou as costas ao espelho para não ver a carranca de um matador.

Dois dias que n'este homisío passou, levaram-se em arranjar os aprestes para a sua expatriação. Obteve um passaporte sob um nome differente, que lhe custou cem libras contadinhas na mão de um amanuense de *Alien office*, que é por quem os passaportes d'esta casta se conseguem. Petrechado finalmente de um crédito em branco, ou letra-franca, foi-se embarcar em Southampton para Liorne, no navio *Bull*, capitão Cox.

Já se vê¡ como necessitaria de descanço o coitado do nosso Shoffield!...

VIII

A viagem, que não é das curtas, levou-a toda a dormir. Se alguma vez acordava estremunhado, era só quando lhe apparecia o phantasma do seu John, ou lhe dava o cheiro do jantar. Assim suavisou, o melhor que soube, o enfadamento d'esta primeira parte das suas peregrinações.

Um dia porém, virou-se para elle o capitão Cox, e lhe perguntou:

—¿Quem é o snr. John, em quem sempre estais a falar por sonhos?

Shoffield enfiou, e exclamou sem se sentir:

—¡Bom! denunciei-me.

Recommendou a sua alma a Melanchton, e cahiu com um deliquio.

O capitão disse ao tenente:

—Este passageiro é por força algum facinoroso de marca maior.

O tenente tambem assim o entendeu; e logo que Shoffield tornou em si, percebeu

que a todos os passageiros do *Bull* infundia horror a sua presença A' meza não olhavam para elle, senão de revéz.

Lançou-se finalmente ferro diante do lazareto de Liorne, em cuja cidade não se dilatou o nosso homem senão só o indispensavel para tomar um logar para si a bordo do paquete de Napoles, que era o *Pharamundo*. Então se deu os parabens, por se ver livre do maldito de um navio onde só achára desprêzos e execração, á conta dos seus sonhos chocalheiros.

No *Pharamundo* ainda a sua fama estava virgem; por não a deitar a perder, assentou em não tornar a dormir senão com a bocca fechada, e muito bem tapada com um lenço de seda em muitas dobras, e amarrado com duas voltas á roda da cabeça; tremia dos solilóquios a dormir. Entrava portanto em vida nova, e já se via n'um mundo incógnito. John, o caixeiro de Hampstead, e o *policeman* de Tottenham-road, ficavam lá n'outro planeta.

Agora, sim, que já lhe reluziam os horizontes da bemaventurança.

Toda a candura de um cuteleiro de Birmingham, tinha a Shoffield. Muito versado na têmpera do aço, isso sim senhor, mas em tudo mais muito ignorante. Mal que entrou no paquete, julgou que tudo que n'elle estava eram Italianos; e a maior pena que por então sentiu, foi não saber a Lingua da terra, para poder conversar.

—Paciencia; é o mesmo—disse elle entre si;— eu tambem não sou dos mais faladores; cá irei com o meu vagar aprendendo do Italiano quanto me baste para pedir de

comer, e esquecendo-me do inglez com os Napolitanos.

Depois argumentava assim mentalmente:

—¿Como pode em Napoles haver Inglezes, se em Birmingham não ha nem meio Napolitano?

IX

Ia o convéz do paquete povoado de cento e sessenta passageiros, entre machos e fêmeas. Todos taciturnos, mas principalmente as mulheres, que desde o bico dos pés até á cabeça não significavam nada.

Era uma scena de respeito.

—¡Como toda esta gente tem ar italiano! —dizia no seu interior o cuteleiro Shoffield.

Eram todos Inglezes.

Ao longo da amurada de estibordo, na tolda, á pôpa, enfileirava-se, como espaldar de plantas em muro de quinta, a familia Turnpick, que se compunha de dezasseis pessoas e duas berlindas. O pae, á fôrça de vender chailes em competencia com Everington, em Ludgate street, tinha amontoado um cabedalão, d'aquelles que arrazam para todo sempre a felicidade de um parvo. Tinham-lhe dado por conselho que viajasse até Italia, e n'isso andava, havia dois annos e meio, com toda a sua gente, a ver se se livrava d'aquelle bem conhecido aborrimento inglez, que do alto da Cruz de S. Paulo desaba sobre Ludgate street, e toda a cidade velha, e a fecha, e lhe péza em cima como um zimborio.

Trazia Mr Turnpick casaca do mais bello

pano, calça estreita da mesma côr, meia de seda aberta, sapato envernizado, e um collete immenso, escarlate com flores de oiro, que não havia mais ver. Trazia mais (ao pescoço da mulher)vinte cinco mil cruzados. convertidos em diamantes pelo primoroso Hamlet, rei dos ourives, que já hoje poderia comprar a Dinamarca com o seu phantasma e tudo.

A' roda de Turnpick estava a sua ninhada de dôze pequenos, todos loirinhos, gordinhos, e bonitinhos; mas um loiro, uma gordura, e uma boniteza, de semsaborões. Toda esta criançada estava encaixilhada entre duas criadas muito compridas, cada uma d'ellas com uma cara de homem, e um veo verde.

Um feixe de guarda-soes assignalava as raias entre familia e familia. Ao ultimo dos Turnpick seguia-se o primeiro dos Dulwich, suciasinha de vinte e tres pessoas, entrando na conta criados de toda a casta de galões. Era Mr. Dulwich um *tory* do condado de Chester, que tinha ugido do seu solar antigo, erecto á beira do Mersey, em consequencia de haver a parcialidade *whig* do condado de Lancaster mandado imprimir uns cartazes azues, de altura de trinta pés, contra Sir Robert Peel; e o medico tinha receitado a Mr. Dulwich uma viagem á Italia, como unico remedio que lhe sentia para tamanha doença.

Apóz, se alastrava a familia Baxton, n'um âmbito semi-circular de cinco toezas. Era o caso, que o Baxton, pae, não tinha podido levar á paciencia a candidatura de Chandos

em Middlesex. Um dia de manhan, andando a passear em Bridge-street, em Uxbridge, deu com os olhos n'um cartaz vermelho, que o fez recuar seis passos. N'esse cartaz se incitavam os leitores a votarem a favor de Chandos:=Go to Chandos.=O desafiativo *Go* era aberto n'um typo de páu, da altura de oito pés, gravado á feição de tronco de árvore; quem o não viu, não pode fazer ideia da pavorosa catadura do G. O maldito do gravador tinha-o denteado todo por dentro; parecia uma boccarra de baleia escancarada. Assim que Baxton lhe pôz os olhos, figurou-se-lhe que já estava trincado, e largou a fugir, como se aquelle monstro nunca visto lhe corresse no alcance. Por peccados seus, não havia esquina em Uxbridge, onde o *committee room* dos tories não tivesse mandado empastar o tremebundo *Go*. De toda a parte lhe surdia, para o desorientar e aterrar cada vez mais, a tragadora guella e a aguçada dentuça do cetáceo typographico. Saltou n'elle a febre, e cahiu da cama, e muito mal.

Representava-se-lhe estar morando n'uma cidade povoada de G G, que andavam passeando pelas ruas, tocando castanholas com os dentes, ora unindo o queixo de cima com o de baixo, á feição de O, ora recobrando o seu natural de G com um desabrimento que fazia arripiar os pêllos. Quando principiou a convalescer, toda a gente de casa recommendava aos que o vinham visitar, que lhe não fizessem cortezias muito curvadas, para não parecerem G.

A poder de desvelos poseram n-o emfim

bom, e os facultativos lhe receitaram tres annos de viagem por Italia.

O bombordo alardeava seus cinco ou seis millionarios chegados á última do *spleen*. As suas mulheres, encafuadas cada uma na sua respectiva berlinda, liam para si *Childe Harold*, e no fim de cada estancia adormeciam.

Uma pinha de criados graves, estafermos melancolicos, de pé diante do cabrestante, pareciam contemplar o que quer que fosse, e não contemplavam coisa nenhuma.

X

Assim vogava o galhardo e ligeiro *Pharamundo* contra a costa da risonha Italia, com a sua carregação de viventes elegias de ambos os sexos, que vinham de todos os condados de Inglaterra, para comprarem por um milhão uma scentelha de alegria.

Shoffield assentou-se n'uma d'essas cadeiras de X, a que chamam elasticas; pegou de um cavaquinho que viu no chão, e entrou com a faca a esfatiar n'elle para se entreter. Os criados graves arrancaram-se do pé do cabrestante, e vieram pôr-se á roda de Shoffield, a vel-o esfatiar o seu pedacinho de páu.

Se acontecia cahir um átomo de pó sobre a manga de algum dos senhores, acudiam logo tres escudeiros, armados de escôvas e agua de tirar nódoas, e restituiam a manga ao seu estado natural.

No meio d'estes divertidissimos passatem-

pos, veio a noite envolver os nossos viajantes. Pouco a pouco se foi tornando deserto o convéz; cada familia desceu para o seu camarim; tudo calou, e adormeceu. Quem posesse o ouvido á escuta... havia de cuidar que tudo estava alerta.

XI

Rompia a manhan, quando Shoffield acordou com a symphonia de quarenta escovinhas a esfregarem á porfia quarenta dentuças inglezas. A camara commum estava senhoreada; todos os passageiros tinham aberto os seus estojos de viagem, e andavam entretidos em se escasquear e alindar. O mar estava crêspo; o navio ia desinquieto e descomposto em seus baloiços; mas os Inglezes, que não perdem nunca a sua gravidade, não faziam caso, e iam-se barbeando diante de espelhinhos a abanar, que mal lhes retratavam a barriga.

Gastadas assim duas horas, a rapar barbas que imaginavam ter, duas a escarnar unhas, e mais duas a embirrar para embeber dez dedos como dez trambolhos por umas luvas afuniladas; gualdida, em summa, n'estas e semelhantes coisas a quarta parte do dia, subiram emfim para a tolda, a comprimentarem as senhoras com os olhos.

Achavam-se ellas, assim como por de mais, e só para fazerem alguma coisa, tomando o seu chá com uma infusão de manteiga de Pisa curada ao sol. Se tivessem offerecido d'aquillo a Ugolino, quando esta-

va na torre esgalgado com fome, não lhe pegava.

Um dos Inglezes tentou-se com a vista da gulosina, e desrelhou os dentes, quanto bastava para deixar sahir o monosyllabo *Tea*, que na Lingua d'elles se pronuncía *ti*, mesmo por acinte contra os francezes, que pronuncíam *té*. Para logo, quarenta bôccas sedentas de chá repetiram o monosyllabo. Shoffield deixou cahir uma luva sem se sentir, mudou de côr, e exclamou mentalmente:

—¡São todos Inglezes!...

E saltando logo n'elle o enjôo, estendeu-se de barriga para baixo sobre uma pinha de cabos, que lhe estamparam no collete de setim uns arabescos de alcatrão, coisa guapa.

XII

Ao cabo de vinte horas, quietou o mar.

Shoffield, tornando em si, e attentando n'um moço do navio, que estava falando inglez com os do engenho do vapor, pediu-lhe um copo de vinho da Madeira. O moço trouxe-lh'o n'um abrir e fechar de olhos, e receando fazer lhe perguntas, por não desacatar a dignidade de um Inglez, contentou-se de dizer, em fórma de á-parte:

—D'aqui a tres horas estamos em Napoles.

—¿Em Napoles?— disse Shoffield—¡Ah!...

—E' verdade, Milord—replicou o moço enchendo-lhe outro copo de Madeira.

—¿E' cidade bonita Napoles, hein?

—E'; certamente que é, Milord.

—Assim tenho ouvido.

—Mas... dize-me cá: todos estes senhores são Inglezes; ¿não são?

—Todos; desde o maior, até ao mais pequenino.

—¿Viajam só para se divertirem?

—Só para se divertirem, está visto. São todos millionarios, assim como vós, Milord. E' um rancho de felizes d'este mundo, como estais vendo.

—E' célebre: a mim... não me parecem lá muito satisfeitos.

—Aqui no vapor, não duvído: estão com as mulheres e com os filhos; não é dos maiores divertimentos. Mas lá os vereis em Napoles. Até S. Januario se trocaria por elles.

—Este rapaz—observou Shoffield (já se sabe, mentalmente)—parece-me bem experto, e sobre tudo muito politicosinho; quero ver se o affeiçôo a mim, para me acompanhar para terra.

Tendo assim discorrido, pediu terceiro copo de Madeira.

—Parece que Milord não acha o meu Madeira muito ruim.

—Optimo, optimo¿ Como te chamas tu?

—Os Francezes chamam-me Jean, e os Inglezes John.

Aquelle nome fez subir ao pobre cuteleiro um calefrio mortal pelo espinhaço acima. Houve uma pausa no dialogo.

—Milord está ainda com cara de agoniado; pois o mar está bem bonito; parece um espelho.

—Não é nada; restos de enjôo. ¿De que terra és tu, John?

—De Napoles.

—¡Ah¡ ¿és Napolitano? ¿E como é que te chamam na tua terra?

—*Micali*. E' nome muito comprido para um criado; ¿não é assim? Os snrs. Inglezes dizem que se deve poupar o tempo. O anno passado diziam-me elles: «Dá-me uma gôtta de chá»; hoje dizem-me só: «Tea». Amanham dirão: «I»; e depois de amanhan não dirão coisa nenhuma. Será uma grande economia para elles.

—Pois eu quero-te chamar *Micali*.

—Já vejo que a Milord sobeja-lha o tempo, e não sabe em que o ha-de gastar. Mas diante dos vossos patricios sempre será bom que me continueis a chamar *John*; se não, eram capazes de deitar de vós uma fama endiabrada de perdulario.

—Pois, Micali, tomo-te para meu criado; dou-te sessenta libras de ordenado, e faço-te boa, passados dez annos, uma pensão para em quanto vivo fôres.

—¿Então Milord não tem criado?

—Nada; deixei tudo em Londres. Estava arrebentando por me ver na Italia, na bella Italia.

—Já vejo que Milord é dos que se extasiam com a minha terra.

—Certamente, Micali; extasio-me muito; ¿pois não me havia de extasiar?

—Então, aceito o que propondes. Logo que desembarcarmos, estou ás vossas ordens.

—Muito bem, Micali. Vamos lá: ¿quaes

são as coisas bonitas que tu me has-de mostrar em Napoles?

—E' pedir por bôcca. Olhae: d'aqui mesmo, já eu posso amostrar-vos alguma coisa. Olhae para além... para além... por cima da prôa; lá está o Vesuvio.

—¡Ah! o famoso Vesuvio; sim senhor; sim; é o mesmo. Aqui o tenho eu n'um lenço de algibeira de Dublim.

—*Il Vesuvio* em italiano. Digo-vos, Milord, que vos heis-de sentir feliz, que nem um monarcha.

—O' Micali, ¿onde é que eu te hei-de acharem Napoles?

—Dou-vos por conselho, que em desembarcando procureis a hospedaria *della Vittoria*, em Chiaia. Em lá chegando, perguntae pelo snr. Martin, que é o dono da casa, como dirieis o *landlord*.

—¿E' inglez?

—Sim; para os Inglezes é inglez; mas (aqui para nós, que ninguem nos ouve) é Francez. Aqui está um bilhete da sua direcção; não tem que errar.

XIII

Já o *Pharamundo* entrava finalmente na bahia; batiam as 8 horas da manhan nas trezentas torres da cidade. O Vesuvio, feriado, fumava indolente, como um *lazzarone* que acendeu o seu cachimbo, e se estirou á soalheira. Ressoava um toque de trombetas no castello *dell'Ovo*. O Pausilippo sorria para o mar. Corriam uns vapores côr de rosa

pelos visiveis e suaves boleados dos oiteiros de Aversa, de Caserta, e de Cápua. Havia no ar aquella inesgotavel somma de delicias que sôbre este golfo derramam as duas mais donosas coisas que no mundo ha: Napoles, e a primavera.

Os Inglezes escovavam as suas casacas, e mudavam de luvas; as Inglezas dispartiam chapelinhos de sol umas ás outras; os criados olhavam para um batalhão de soldados, que tomavam banhos de pés diante do palacio *della Regina Giovanna*; Shoffield procurava o seu passaporte.

Já todos os passageiros tinham desembarcado, e só elle estava a bórdo, custodiado á mão tente por tres malsins. O passaporte não apparecia, e o seu nome, que lá lhe tinham posto n'elle, não lhe lembrava. Todas as vezes que lhe perguntavam – «¿Mas como é que se chama?»—amostrava a immensa carteira que encerrava a sua correspondencia com todos os cuteleiros do Universo; e pedia aos malsins que o ajudassem a procurar. A final. desencantou o precioso papel, que estava sumido no fundo de um bolso furtado: e descobriu que, em vez de Shoffield, se chamava Morfield.

XIV

Nem um só quarto devoluto se achava já na hospedaria *della Vittoria*.

Turnpicks, Du wichs, Baxtons, corriam ás ondas pelos corredores, como um Tamisa animado. Outros muitos, antigos viajantes da

mesma Nação, que já tinham posse velha na casa, contemplavam com gravidade aquella invasão de patricios, e pediam o seu chá, com o socêgo de quem se via bem entrincheirado no que era seu.

Tanto que Shoffield se apresentou sem comitiva, nem berlinda, nem criado. disseram lhe que *de verbo* quarto, não sobrava se não um, e sem cama.

— E' o mesmo — respondeu elle; — dormirei em cima de qualquer poltrona.

E foi entrando para a casa de jantar. Por cima da porta estava escrito: *Dining room.*

Pegou n'uma lista, e leu:

Ox-tail soup.
Fish of every sort.
Meat pies.
Rump steak.

— ¡Tal qual como em Birmingham! — disse Shoffield estupefacto. — E' célebre. Em Birmingham ninguem apanharia uma syllaba italiana em toda a cidade; e mas, Birmingham é duas vezes mais bonita que Napoles, que me vai parecendo bem feia, e bem porquinha tambem. Muitos divertimentos devem aqui achar os Inglezes, que não podem parar sem para cá vir. Tem-me cara a senhora Napoles, de ter sido edificada de proposito para elles.

XV

N'este comenos, entrou o seu novo criado Micali. Shoffield lhe apertou a mão cordealmente, e mandou-o sentar. Micali assentou-se sem ceremonia.

—Saberás que não achei senão um quarto n'esta estalagem.

—Não tenhais cuidado; deixae o negocio por minha conta. Ide almoçando, e eu vos arranjarei depois. ¿Como achais esta sopa de tartaruga?

—Não a acho má; acho-a como a achava em Swan-inn, em Birmingham. Os Napolitanos, segundo parece, gostam muito d'esta sopa.

—¡Elles!? nem proval-a; é uma sopa de lava; antes comer o Vesuvio migado. Isto... não o fazem cá senão para os Inglezes.

—Toda a *lista* é ingleza. Ora vê; vê.

—¡Qual *lista!* Toda a Italia é hoje uma bota ingleza; a Italia está muito mais ingleza que a Inglaterra. Em Roma toda a gente é ingleza, menos o Papa. Ora, Milord, ¡se me désseis licença de vos fazer uma pergunta!

—Faze, faze; comigo não te acanhes.

—Certamente, não vindes a Napoles senão para vos divertir.

—Está visto; como todos os outros. Eu sou rico, graças a Deus; quero-me alegrar; quero ser feliz.

—¿Pois em Inglaterra não ereis feliz?

—Era como todos os outros.

—Que fazieis?

—Montava a cavallo, passeava, comia salmão, plantava arvores, lia a *Revista* de M.r Kemble, comprava pares de luvas... ¿Em que diabo queres tu que se entretenha quem tem dinheiro, e não tem que fazer?

—E' isso. ¿E então viestes a Italia para...

—Para fazer como os outros. Os Inglezes

devem-se divertir muito aqui, visto que estão cá todos.

—Vós veréis. ¿Tencionais demorar-vos muito em Italia?

—Não sei. ¿Os Inglezes costumam demorar-se muito?

—Os Lords, e os membros da Camara dos Communs, andam por cá todo o intervallo das sessões. Os Inglezes ricos, que não teem cargo público, gastam a vida a passear de Napoles para Veneza; e de ordinario vão morrer a Florença. No cemiterio de Florença já não ha senão ossos inglezes. Devo dizer-vos em abono da verdade: para morrer agradavelmente... Florença.

—O que me dizes, dá-me a entender que o *comfortable* italiano excede ao nosso. As ruas italianas devem ter melhores calçadas, melhores passeios, melhor illuminação de gaz, que as de Londres.

—Olhae cá, Milord. A' Inglaterra conheço-a eu muito bem; mas os Inglezes ainda não. Perdoae-me se os offendo. Os Inglezes edificam umas casas muito commodas, afoufam-n-as com tapetes, adornam-n-as com trastes de cantos boleados, arranjam ruas admiraveis, muito largas, muito direitas, desterram a noite com o gaz; e, mal que teem conseguido uma vidinha bem regalada, interior e exteriormente, encaixam-se n'uma sege, abalam á desfilada, e lá vão elles para terras alheias, onde os pés não acham senão picos. e os cotovellos quinas. ¿Não me explicaréis isto, Milord, vós que sois Inglez?

—O' meu Micali, eu não te posso explicar nada. Com toda a ingenuidade te digo que

não sei nada. Eu não sou Lord, eu não sou nobre, eu não sou sabio; sou um desgraçado de um artifice, que trabalhei quarenta annos para ajuntar cabedal, e que ando em cata de um poucochinho de felicidade a trôco do meu dinheiro. Tenho cincoenta e oito annos; quando tinha quinze, já fazia cabos de facas, desde as 5 da manhan até ás 10 da noite; sustentava-me de batatas e cerveja ruim, e ao domingo lia a Biblia. Ainda no inverno que lá vai, era assim que eu vivia. ¿Que queres que te diga? entrou comigo o aborrecimento, e deitei-me a toda a pressa a ver, se ainda antes de morrer apanhava um dia de regalório. ¿Ajudas-me tu a desencantar coisa que me faça conhecer que existo, e que sou millionario?

Micali abanou a cabeça com cara de compaixão melancolica.

—¡Coitado! ¡tres quarteis da sua vida a fazer facas! Ora digam-me se aquelle *lazzarone* maltrapido, que anda quasi sem camisa, teve peor sina. Eu para mim, entendo que felicidade não a pode haver, senão n'uma pobreza robusta, que vê sempre por baixo dos pés uma légua de mar, e um raio de sol por cima da cabeça.

—O' homem, tu falas como um autor, Micali.

—¿Quem, eu? isto era cá para os meus botões. Além, n'aquella ilha verde, moram pescadores, que só teem de seu uma rede, e uma barraca; o mar e o sol bronzeiam-lhes a pelle, e côam lhes uma saude eterna. Teem mulheres altas e bellas, com uns seios que fariam rebentar um espartilho; teem fi-

lhos trigueiros, que brincam por cima dos limos, e vivem n'agua como os peixinhos e as conchas; teem, ao anoitecer, a sua ceia, que é um banquete de pratos de apetite, cheirosos e irritantes como essas proprias ondas d'onde sahiu Venus Aphrodite; teem o dia e os trabalhos cheios de cantares, serões de alegria doida debaixo do seu parreiral; e noites... ¡oh que noites! Para elles, para elles é que nasce o sol, que as estrellas brilham, que o mar canta, os pinheiros se arrendondam, e as laranjeiras florescem. Estes homens são uns pobres pescadores, uns mendigos do mar. Pois senhor: tirem tres d'entre elles á sorte; esses tres haverão desfrutado em sua vida mais ventura, que todos os millionarios da Gran-Bretanha, desde Guilherme, que é Rei, até Mr. Shoffield, que é cuteleiro.

De bôcca aberta escutava o cuteleiro Shoffield os bocadinhos d'oiro do philósopho seu criado

Olhava Micali para o gôlfo pela janella da sacada, e sorria.

—Tudo isto era falar para mim—continuou elle;—peço perdão.

—¿E tu, Micali, disse Shoffield rindo—¿tu és feliz?

—¿Eu?... eu servi de proposito a quatro amos, para os envergonhar com a minha felicidade.

—¿Amos inglezes?

—¿Inglezes? inglezissimos; e ricaços, que nem minas de oiro do Perú.

—E que feito foi d'elles?

—Enterrei-os a um e um em Florença, no

Campo-santo de San-Spirito. Passavam optimamente; andavam fartos e anafados; morreram sem motivo, contra todas as regras da Medicina. O mal que tinham, era não lhes faltar nada; foi o que os matou.

—¡Oh Micali! eu se continúo a ouvir-te dou em doido, ou tenho algum ataque de *spleen*, que arrebento. Almocei; toca a andar. ¿Que ha em Napoles que se veja?

—Nada, pela palavra; é uma cidade como todas as cidades: casas em correnteza, que formam ruas, e pelas ruas gente a andar sem saber para onde. A unica differença está, em que as ruas aqui são mais feias que nas outras partes. Napoles não é em Napoles; quem a quizer ver, ha-de sahir da cidade.

—Pois então saiâmos.

XVI

Partiram para Pompeia.

—¿Nunca ouvistes falar de Pompeia?—perguntou Micali ao patrão em quanto iam caminhando.

—Eu por mim, nunca—respondeu o bom do cuteleiro.

—Pois é a mais curiosa coisa de toda a Italia. Em tendo visto Pompeia, podeis tornar-vos para Birmingham.

—¿Pompeia será mais bonita que Londres?

—Lá vereis.

. . . . . .

Obra de um quarto de legua longe do mar descobriram a cidade-mumia.

—Ora ali está Pompeia—diz Micali.

—¡Ah! —proferiu Shoffield espantado— ¿aquillo é que é Pompeia? Parece-me... que me esqueceram as luvas na hospedaria.

—Aqui estão as minhas.

—Obrigado; obrigado; não faz mingua; metto as mãos nos bolsos. E' porque (se me não engano) aquillo que acolá enxérgo são Inglezes.

—Não ha dúvida: são os vossos companheiros no paquete; por signal, que estão defronte da casa de Diomédes.

—¿Vão visitar a M.r Diomédes?

—¡Qual! Este Diomédes é um Grego Napolitano, que assistia n'aquella casa ha agora mil setecentos e cincoenta e cinco annos.

—¿Como é que sabes isso, Micali, sendo tu um criado de servir?

—Todos nós cá sabemos estas coisas.

Já emfim era chegado Shoffield ao meio da numerosa inglezada, que passeava pela rua dos Tumulos. As senhoras iam com toda a sua casquilharia de *King's theatre*; todas as fazendas de luxo de Everington, todas as popelinas de Dublin, ondeavam brandameute por cima das calçadas de lava, encobrindo os corpos e membros esquinudos d'estas Inglezas errantes, expulsadas da patria Ilha pela formosura quasi geral das Inglezas que não viajam. Os homens traziam o vestuario de *rowt*, com os seus chapeus de Baronete, d'estes de castor fino, que tão mal se fabricam no Strand; e os *grooms* iam atraz, com as competentes cadeiras elasticas.

Um cicerone repetia em italiano napolitano:

—*Ecco la casa di Dioméde, sepolto nella*

cenere del Vesuvio ottanta anni doppo Gesu-Cristo;

Ecco un'osteria antica;

Ecco la porta d'Ercolano;

Ecco la bottega, ó caffé, dove gli Romani pigliavano sorbetti doppo pranzo;

Ecco la casa di Caius Cestius;

Ecco la casa di Caius Sallustius;

Ecco il tempio della Fortuna Augusta;

Il foro civile; il tempio d'Ercole; il teatro tragico; il tempio d'Escolapio;

Ecco, signori, l'anfiteatro.

Os Inglezes passavam processionalmente por diante d'estas ruinas venerandas, com uma admiração entranhada e muda, escutando o cicerone, como que o entendessem. As Inglezas espreitavam com uma nesga do ôlho para o templo de Hercules, e diziam:

—*Very nice! very nice!*

As mais eruditas procuravam em Lord Byron os versos que elle consagrou á Italia; e liam:

«¡Oh! sepultada Rainha, senhora do Mundo, ¿que é do teu esplendor? Para ahi jazes estendida na tua mortalha. Roma é uma caveira carcomida »

Depois, procuravam outra coisa, e não achavam mais nada.

O cicerone andava á caça das lagartixas. Os Inglezes collocavam-se em postura de meditabundos, e punham diante da bôcca os seus lenços de seda da India, para os não verem bocejar. Tão triste era o espectador, como o espectáculo.

Shoffield perguntava a Micali a rasão por que um V de uma inscripção antiga era hoje

um U; era uma coisa que lhe dava muito em que entender. Micali, de braços encruzados, sorria melancolico, e não dava resposta.

Baxton, que tinha aprendido o italiano, em Londres, com um Francez que o não sabía, quiz travar então uma prática com o cicerone; tomava lá do fundo do peito uma syllaba, içava-a com o maior exfôrço, e atormentava-a para a constranger a fazer-se italiana; mas a opiniática da syllaba é que não estava pelo ajuste: ateimava, e permanecia ingleza por espirito nacional; e o cicerone ficava em jejum. Exhausto este dialogo em duas palitadas, recorreu Baxton á pantomima. Sacou da algibeira um martellinho portatil muito airoso, e applicou-o, ainda assim com muito geito, a uma columna de um templo de Isis, fazendo ao mesmo tempo com a cabeça um signal consultivo, como quem dizia:

—¿Vai, ou não vai?

—Vá, vá para diante—lhe respondeu, tambem com a cabeça, o cicerone.

O meu amigo Inglez não esperou mais nada: espatifou logo um pedestal e um capitel, que por terra jaziam; e foi offerecendo ás senhoras, e a quantos estavam presentes. Tres lenços de seda se encheram de lascas de Pompeia, e foram entregues aos *grooms* que os guardassem.

Porque a marcha é esta: os criados são os que vão por ordem de seus amos collegindo os tijolos romanos dos monumentos arruinados, e tendo seu bahu particular, que para isto lhes serve de relicario. No transito de Pompeia e de Herculanum para

cenere del Vesuvio ottanta anni doppo Gesu-Cristo;

Ecco un'osteria antica;

Ecco la porta d'Ercolano;

Ecco la bottega, ó caffé, dove gli Romani pigliavano sorbetti doppo pranzo;

Ecco la casa di Caius Cestius;

Ecco la casa di Caius Sallustius;

Ecco il tempio della Fortuna Augusta;

Il foro civile; il tempio d'Ercole; il teatro tragico; il tempio d'Escolapio;

Ecco, signori, l'anfiteatro.

Os Inglezes passavam processionalmente por diante d'estas ruinas venerandas, com uma admiração entranhada e muda, escutando o cicerone, como que o entendessem. As Inglezas espreitavam com uma nesga do ôlho para o templo de Hercules, e diziam:

—*Very nice! very nice!*

As mais eruditas procuravam em Lord Byron os versos que elle consagrou á Italia; e liam:

«¡Oh! sepultada Rainha, senhora do Mundo, ¿que é do teu esplendor? Para ahi jazes estendida na tua mortalha. Roma é uma caveira carcomida »

Depois, procuravam outra coisa, e não achavam mais nada.

O cicerone andava á caça das lagartixas. Os Inglezes collocavam-se em postura de meditabundos, e punham diante da bôcca os seus lenços de seda da India, para os não verem bocejar. Tão triste era o espectador, como o espectáculo.

Shoffield perguntava a Micali a rasão por que um V de uma inscripção antiga era hoje

um U; era uma coisa que lhe dava muito em que entender. Micali, de braços encruzados, sorria melancolico, e não dava resposta.

Baxton, que tinha aprendido o italiano, em Londres, com um Francez que o não sabía, quiz travar então uma prática com o cicerone; tomava lá do fundo do peito uma syllaba, içava-a com o maior exfôrço, e atormentava-a para a constranger a fazer-se italiana; mas a opiniática da syllaba é que não estava pelo ajuste: ateimava, e permanecia ingleza por espirito nacional; e o cicerone ficava em jejum. Exhausto este dialogo em duas palitadas, recorreu Baxton á pantomima. Sacou da algibeira um martellinho portatil muito airoso, e applicou-o, ainda assim com muito geito, a uma columna de um templo de Isis, fazendo ao mesmo tempo com a cabeça um signal consultivo, como quem dizia:

—¿Vai, ou não vai?

—Vá, vá para diante—lhe respondeu, tambem com a cabeça, o cicerone.

O meu amigo Inglez não esperou mais nada: espatifou logo um pedestal e um capitel, que por terra jaziam; e foi offerecendo ás senhoras, e a quantos estavam presentes. Tres lenços de seda se encheram de lascas de Pompeia, e foram entregues aos *grooms* que os guardassem.

Porque a marcha é esta: os criados são os que vão por ordem de seus amos collegindo os tijolos romanos dos monumentos arruinados, e tendo seu bahu particular, que para isto lhes serve de relicario. No transito de Pompeia e de Herculanum para

Napoles, entram-se a aborrecer com o pêzo de tal antiguidade, e baldeiam os cacos ao mar; e mal que chegam a Londres, tornam a encher o despejado bahu de cacos de tijólos, que os ha aos montes ali pela bórda do Tamisa, diante do palacio dos Archivos de Westminster. E aqui está o que são as reliquias e antigualhas, que os Inglezes alardeiam em gabinetes com seus rótulos e números. Todas as galerias de Londres estão abarrotadas d'aquillo.

Então, a víctima predilecta, a que primeiro se atira o picão do aborrecimento inglez, é sempre o templo de Isis e Serapis. ¿E porquê? porque descobriram, lá elles uma grande semelhança architectonica entre este monumento tetrástylo dos Antigos, e o Club grande de Piccadilly. Os ex-lojistas machuchos do Strand, de Fleet-street, de Ludgate-Hill, nunca pasam por Pompeia, sem ficarem muito de veras encasquetados de que o templo romano foi copiado do Club de Londres; regala-se-lhes o amor proprio, e concedem á architectura grega este lacónico elogio:

—*English fashion.*

E aqui está o que motiva o contínuo desbarato de taes reliquias, e os roubos que a santa e veneravel Antiguidade vai padecendo de mãos barbaras, que a mutilam e destroncam.

Esta reflexão foi Micali quem a fez a Shoffield; mas, por desgraça, o honrado cidadão de Birmingham estava já n'um estado de pasmaceira, que parecia petrificado. Não via senão pedregulhos feios, ruinas que mettiam

mêdo, silvas com lagartos a restolhar, sepulcros asquerosos, casebres esboroados, e não podia entender como pessoas de juizo se expunham á torreira do sol e ás cobras, só para verem uns paredeiros, que de certo não eram para deitar agua ás mãos aos palacios de Grammar-school, e de Town-Hall.

—¿Então, isto é que é o mais curioso cá da tua Italia, hein?

—Sem dúvida nenhuma—respondeu o sabichão do moço.

—Está bom. Então vamos almoçar.

—Não achais aqui pouco nem muito que admirar; ¿não é assim?

—¿Que demonio queres tu que eu admire?! Tudo isto me faz lembrar Old Church, de Manchester; é uma coisa velha, velha, e denegrida. ¡Qual Old-Church! ainda Old Church para mim vale mais. Ao menos, tem diante das grades um mercado famoso, onde a gente acha a toda a hora *coldmeat* e lagôstas.

E dizendo isto, disparou uma gargalhada, que foi a primeira que deu desde que sahira da sua terra. Os eccos do templo de Isis fizeram áquella explosão de alegria a honra de a retumbarem de ruinas em ruinas, até o sonóro nympheu da casa de Diomédes. Cobras e lagartos, tudo se pôz a prumo para ouvir passar o estampido da folgança britannica. Os Inglezes é que acharam semelhante modo de rir muito pouco civilisado, e olharam para Shoffield de travéz.

Assim se preencheu o dia. Ficou visitada Pompeia.

Stafford-Hall, á beira da estrada de Birmingham, que já tem uma gruta, um caminho de ferro, e canzoada a valer. O que te eu digo, Micali, é que ando cada vez mais aborrido. E' um enfastiamento de tudo, que me ha-de dar cabo da armadilha. A's vezes, parece que me falta o ar, e chego a ter mêdo de morrer embaçado. ¿Que queres tu? não acho gôsto em nada. Os dias aqui são de um comprimento que me faz encordoar. Dizem-me por exemplo: «D'aqui a uma hora ha-de haver tal divertimento». Toda essa hora para mim é um inferno; e passada ella, divertimento... por um óculo. ¿Que te parece a ti, Micali? ¿toda esta inglezaria demorar-se-ha em Napoles? Se se fossem embora, talvez ficasse isto muito mais alegre; aquelles originaes é que tornam tudo quesilento. Tomara saber por que se não hão de ir morrer para Florença...

—Hão-de ir, hão-de ir—acudiu Micali;—todos lá hão-de ser enterrados; não tenhais mêdo. Mas por agora, prometteram-lhes uma erupção do Vesuvio, e bem vêdes como estão á espera d'ella na rua de Toledo. Teem que esperar. Olhae para o Vesuvio: parece que está fazendo escárneo dos Inglezes. Esta manhan foi lá Baxton, perguntar ao vosso Embaixador se não poderia, pela sua influencia, conseguir uma erupção do Vesuvio; e o Embaixador respondeu-lhe que elle veria. Ninguem riu d'aquillo, porque sabido é que a Inglaterra pode tudo. Se fôr mistér, declarará guerra ao vulcão, a este petulante Vesuvio, que se atreve a recusar um passatempo á snr.ª Inglaterra que está enjoada.

—¡Bem me importa a mim o Vesuvio, Micali! O que eu não quero é ser torrado por elle, nem sorvido ahi por algum terremoto. Estes Inglezes são uma gente que anda tão enfadada de viver, que não busca senão estocadas e sôccos para passar o tempo. Vamo-nos embora, e quanto antes.

—¿Para onde?

—Não sei.

—¿Quereis ir até Roma?

—¿Para quê? ¿Para ver mais pedras fuscas, mais lagartos, e mais inglezes? Nada.

—¿A Florença?

—Nada, nada.

—¿E uma viajatasinha até França? ¿que tal?

—Tambem não. Francezes... são gente que meu pae não podia enxergar.

—Contra isso é que não ha que dizer.

—Mas emfim: onde, onde é que vai uma pessoa que é millionaria, que se deitou a viajar, e que se quer divertir pelo seu dinheiro?

—Não vai a parte nenhuma; fica em sua casa:

—¡Fica em sua casa! ¡fica em sua casa! ¿Mas eu não te disse já a ti, que não podia estar em minha casa por causa de John, meu inimigo que me quer tirar o vulto?

—Bom remedio: deixae o condado de Kent, e tornae-vos para Birmingham.

—John é capaz de me seguir por toda a parte; ¡aquillo tem uns figados!... e o *policeman*, que eu deixei morto, ou ferido, em Tottenham road? Não snr: em Inglaterra não posso eu tornar a pôr os pés.

—Mas em alguma parte haveis de estar.

— Assim o entendo; ¿porém onde ha-de ser?

— ¿Não será bom tornar a experimentar Napoles?

— ¿Napoles?! isso era matar-me.

— Podieis ir á gruta todos os dias.

— ¡Tomára eu ser pobre, Micali! sinto que o que dá cabo de mim...é a minha riqueza.

— Pois dae vós primeiro cabo d'ella.

— ¿De que modo?

— Jogae.

— ¡Eu aturo cá o jôgo!

— Casae-vos.

— Homem de cincoenta e oito annos, já não gósta de mulheres.

— Fazei tertulias, saráus, funções rijas; derretem dinheiro, que é uma delicia.

— Tambem não vou para isso de sociedades.

— N'uma palavra: ¿que é o de que gostais?

— Gósto de fazer facas; toda a santissima noite não sonho senão que as estou fabricando.

— Pois então ... fazei facas. Alugae uma loja na rua de Toledo.

— Parece-me que os ares aqui não serão lá muito bons para a têmpera do aço.

— Fazem-se facas que não prestem. ¿Que tem o mestre com isso? Quem se serve d'ellas, são os freguezes; não é elle.

— ¿Queres tu entrar de parceria comigo, Micali? Não gastas nem um *shilling*.

— Ouvi-me cá, Mr. Shoffield: eu engracei comvosco, porque me parecestes o melhor Inglez que jamais encontrei. Um dia, no pa-

quete, ví-vos chorar; foi a primeira lagrima ingleza com que se estrearam paquetes. Desde aquelle instante, assentei de mim para mim em vos ajudar no que pudesse. Dei-me a estudar o vosso natural, e averiguei que tinheis um sobresalente de ventura, com que não podieis. E' mister alijar parte da carga. Nascestes artifice, vivei artifice, meu amigo; as luvinhas amarellas pezam mais n'essas mãos, que cem libras de aço. Vou arranjar para vós, ali pela beira do riacho do Sebetto, uma officina cómmoda para a vossa labutação, procurar-vos officiaes, e alugar-vos uma loja.

— E ficas sendo meu socio — gritou Shoffield alvoroçado.

— Isso é que não; não pode ser—replicou Micali sorrindo. — Para serdes feliz, não careceis de mim.

— ¿Não pode ser? ¿Mas por que não pode ser, *snr*. Micali?

— Micali continuava a sorrir, apertando a mão de Shoffield.

— Sim: ¿porque é que não pode ser? — insistiu o cuteleiro.

—Reparae cá, *snr*. Shoffield: vós sois um homem de bem, muito singelo, e muito calado. Abristes-me o vosso peito, e dissestes-me um segrêdo que tinheis por de grande monta; quero pagar-vos na mesma moeda. Olhae para este passaporte; aqui está o meu nome.

Shoffield recuou assarapantado.

—E' verdade:—continuou o pseudo Micali, sorrindo amigavelmente — sou o Principe P... M... Sou um philósopho russo, que ando a viajar de proposito para estudar por dentro os Inglezes. Já servi quatro caras, e

dentro em pouco a snr.ª Inglaterra ha-de receber novas minhas.

Shoffield estava uma figura curiosa, sem poder atinar no como se posesse, para se desfazer devidamente em satisfações ao seu ex-criado o senhor Principe. Expressões no coração não lhe faltavam; mas não havia traduzil-as em Lingua humana.

—Não sejais criança—lhe diz o Russo com affabilidade;— sou um homem como vós, e mais enfastiado que vós, porque sôbre rico, sou Principe. A primeira duzia de facas da vossa fábrica fica já por minha conta. A' noite ide ao theatro de *San-Carlo*, e perguntae pelo camarote do Principe P... M... ¿Até mais?

XIX

Arrebicou-se Shoffield o melhor que soube; arraiou-se de brilhantes; e mal que a noite se fechou, deu comsigo em *San-Carlo*.

O pobre homem nunca em dias de vida tinha visto theatro, afóra o *Royal Theatre* de *New street*, em Birmingham, que é uma casinhola pequena, com más peças, cantores que declamam, declamadores que cantam, e tragedias de Sheridan Knowles, que será *Knowles* quanto elle quizer, mas de certo não é *Sheridan*.

No camarote que se lhe tinha dito, achou, de feito, o seu Principe P... M... trajado de gala, e esplendidissimo.

Representava-se a *Norma;* cantava Duprez com a Persiani; divina era a musica, e divinas as vozes que ressoavam.

Lá fora tambem o mar cantava, concertado com a orchestra e com os actores. Era uma noite de arroubamento para as *torrinhas*, onde resplandecia uma fiada de vivos carbunculos, que taes eram os olhos de uma renque de *dilettanti* napolitanos, que apenas tinham com que pagar a 5.ª ordem.

Nos camarotes da ordem nobre repetenavam-se os Inglezes a tomar sorvetes, ou a jogar o *whist*. As Inglezas assestavam os seus binóculos para a Persiani, e diziam:

—*Very nice! very nice!*

O Rei de Napoles dormia.

Shoffield esteve olhando para os Inglezes; ainda escutou o seu pedaço a zoada dos instrumentos e das vozes, e largou-se a dormir... como el-Rei de Napoles.

O Principe P... M... escrevia entretanto com lapis na sua carteira as seguintes linhas, que por ora estão ineditas:

«O apogeu da civilisação material engendra uma enfermidade da alma, que chega a matar o corpo.

«Uma rua muito comprida, e muito bem cordeada, uma ampla estrada, areadinha como alameda de parque, uma casa que tem por dentro um logar certo para cada dedo da mão, não ha dúvida que são bellas invenções; o peor é não ter o homem nascido para resvalar vida a baixo por um declivio de velludo. Os altos e baixos são os que dão uma agradavel febre á existencia. N'um chão todo lizo, senhoreia-nos uma frouxidão que nos mata. O *spleen* nasceu em *Oxford*-

street, entre o gaz dos candieiros e o cordel dos alinhadores.

«Vi muitos millionarios avarentos, e carcomendo-se de tédio. A princípio não pude entender tal gente.

«¿Pois não é muito facil—dizia eu entre mim—cambiar um guinéo por uma distracção ou um deleite?

«Estes malaventurados millionarios teem um instinto, que lhes diz que não dêem um *shilling* a um homem, que, se tivesse um *shilling* voaria ao pináculo da felicidade. A avareza não é só cubiça estupida de riquezas que não servem; é tambem cálculo de chapada malicia.

«Os Inglezes teem feito mais damnos á Italia, do que Theodorico e Attila. Como não podiam valer-se d'ella para remedio seu, vingaram-se em a despoetisar, por despeito contra os artistas, que d'ella se gosam. Fizeram da Italia uma meza-redonda, e uma cavalhariça á sua moda.

«¿Riqueza e civilisação, que veem a ser? Tomae vinte Napolitanos, d'entre esses que parecem energúmenos quando estão ouvindo a *Casta diva* da Persiani; levae-os a Londres, e dizei-lhes:

«Aqui está o palacio do Duque de Northumberland em Charing-Cross; aqui está o palacio de Roberto Peel em Parliament-street; aqui está o palacio de Wellington a par da gradaria de Hyde-park; aqui está o palacio do Duque de Sunderland defronte de S.t James; aqui está Sommerset-House entre o Strand e o Tamisa. Todos estes pa-

lacios são vossos, e os cabedaes de seus donos tambem.

«Seis mezes apóz, todos esses mendigos do sol e do mar hão-de querer tornar-se para as suas camas de musgo, pobres e nus.»

XX

Oito dias depois d'esta noite de theatro, lia-se na taboleta de uma loja na rua de Toledo: CUTELEIRO DE BIRMINGHAM.

A penna que estas linhas escreveu, foi aparada com um canivete comprado na loja do pobre millionario Shoffield.

A historia do Principe P... M... foi-me contada a bórdo do «Maria Christina», paquete inglez, que trazia uma carregação de *spleen* de deitar a baixo.

Shoffield vive contentissimo. Todos os domingos vai infallivelmente visitar a gruta do cão.

NOTA

Por motivo de conveniencia typographica, a seguinte traducção de Mery, *Uma noite no serralho*, irá collocada mais a diante.

OS EDITORES

XII

Proposta apresentada em sessão da benemérita Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel

(1848)

Senhores

Não tem o Mundo coisa que mais entristeça as almas bem nascidas, do que é saber-se, e todos os dias se estar vendo, quantos e quão formosos talentos, á mingua de cultura se mallogram, para si, para as suas familias, para a Patria, e talvez para o Mundo.

Não iria longe da verdade quem dissesse, que um terço dos celebrados na Historia das artes, e na das sciencias, foram por meras casualidades descobertos, e salvos da obscuridade e do esquecimento.

Um homem de discernimento e coração encontra o genio enjeitado da fortuna, dá lhe a mão; e apenas o ergue do pó, vê-o coroado de loiros. Este homem de discernimento e coração deve sentir-se contente como Deus depois de haver criado o homem.

Meus senhores, nós estamos em terra, em que a Natureza moral é tão fecunda como a Natureza physica, mas onde (por falta de amparo) só Deus sabe quantos méritos não

terão ido ignorados á sepultura. Diffundindo a instrucção, como já começámos, e como infallivelmente havemos de continuar, nós poderemos d'aqui avante extremar, entre o vulgo dos espiritos, os predestinados para a glória.

Proponho que esta nossa christianissima Corporação, ao passo que fôr desencantando cada uma d'essas preciosidades, a recôlha ao seu gremio, e a perfilhe; que lhe faça vezes de Providencia, e a guie até ao fim, pelo caminho, curto ou longo, facil ou difficil, da sua demonstrada vocação.

Com um pouco do supérfluo de cada um de nós, haveremos mercado tres coisas que não teem preço: a ventura de um homem, e por ella talvez a de uma familia; mais um brasão para a nossa gente, e a satisfação ineffavel da consciencia.

Se vos apraz (como espero) a Proposta, sanccionae-a para logo, e publicae a vossa resolução. Assim dareis um novo estimulo ao ardor que já na mocidade, e mesmo na puericia, se começa a notar para com o estudo, e apresentareis um grande e nobre exemplo a Portugal, á Europa, e á Humanidade.

XIII

Versos em nome de uma afilhada no anniversario da madrinha

(1849 ?)

Muito ha que medito e sonho
no presente festival,
que n'este dia risonho
traria ao vosso natal.

Em tôrno a mim via flores;
dentro em mim, um coração;
eram dois mimos de amores,
dos que ás boas mães se dão.

Mas um coração que eu tinha,
ha muito vol-o dei já.
Restam-me as flores, madrinha;
a gratidão vol-as dá.

XIV

N'um album

(1850)

Reneguei a Poesia pela religião do A B C popular.

XV

Carta aos proprietarios e directores da Typographia Universal

«Eduardo de Faria e C.ª»

(1853)

Senhores:

Quando o estudo e o amor do ler e escrever se estão notoriamente desenvolvendo n'este Paiz, é manifesto que somos entrados n'um capitulo novo da História infinita da civilisação.

O Povo acolhe com alvorôço as vagas esperanças que lhe amanhecem abençoadas; e cada um que tem alma sente n'ella a necessidade de tomar posição e trabalho para a nova obra da Providencia.

A sciencia e a avidez do ler seriam prenda e virtude inuteis, pelo menos, se se não deparassem com abundancia obras dignas de ser lidas, obras fecundas para o espirito, para o coração, para a saude, para a fortuna, para a sociabilidade.

E' um terreno fecundo, lavrado, favorecido pelos meteóros, por um sol benigno, mas ainda á espera das sementes, que o hão-de

converter em meza de abundancia, florída, perfumada, melodiosa. Estas sementes são as obras didacticas, bem feitas, populares, e atractivas. Todos os germes de futuros prósperos estão n'ellas, como nos escritos ociosos, insipientes, enervadores, ou depravadores da vontade, estão o joio e as sizanias, as silvas e as plantas venenosas, que estragam a seára, e tornam impossivel a colheita.

Até hoje a Imprensa portugueza, ou não tem sabido comprehender a sua propria importancia, ou tem fatalmente carecido dos meios para se elevar á grandiosa altura da sua missão.

Os seus alliados naturaes, os que haviam de ser os seus alimentadores, os homens de entendimento cultivado, a alma que a havia de alimentar, a Literatura e a Sciencia, teem-n-a deixado correr ao desamparo, como insensata e perdida, pelos campos estéreis das ficções sob o titulo de *romances*, das personalidades sob a designação de *politica*, da descrença e da immoralidade sob a apparencia de *literatura*. Raramente o espirito social tem descido a distrahil-a das suas órgias para pensamentos sisudos. Temos atulhado bibliothecas n'estes ultimos annos; e por todas ellas, talvez, não desencantemos uma dezena de bons livros. O Omar que lhes posesse fogo poderia merecer bençãos á Posteridade.

E' mais que tempo de se fazer e consolidar, emfim, a alliança patriotica entre o escritor, e o impressor; entre o genio que possue a verdadeira luz, e a machina sublime que a multiplica, a derrama, e a perpetúa.

*

Para a realisação cabal d'esta alliança não basta, nem o querer dos sabios só por si, nem só por si o querer dos publicadores typographicos, nem mesmo talvez o concurso de ambas essas vontades. E' necessario (ou eu me engano muito) que a Autoridade suprema do Estado, como Providencia terrestre que tem de velar sobre todo elle, desça (ia eu dizer), suba (é o termo proprio) a reconhecer, a meditar, a destruir, as graves e numerosas difficuldades, que teem impedido e impedem a illustração e o melhoramento íntimo de todo o Povo. E' mistér que a Lei associe a sua fôrça aos exfórços dos cidadãos de bem.

Ha dois dias, ainda iria intempestiva esta proposição, porque os factos, que ao presente lhes estão servindo de fundamento, não existiam. Hoje, que as escolas primarias se regeneram, e regeneradas se multiplicam, e multiplicadas se povôam á porfia; hoje, que os particulares e as autoridades mostram comprehender que as finanças e a viação, com serem necessidades summas, não são as unicas summas necessidades de Portugal, e que a Instrucção, como a coisa amplissima que todas as outras encerra, merece amparo egual, se não maior; hoje, o Parlamento não pode deixar de pezar, na sua alta sabedoria, a indeclinavel precisão, e urgentissima urgencia, de se acudir com leis que satisfaçam, com leis dignas da expectação pública, e proprias d'esta edade essencialmente progressiva, á carencia em que laboramos de obras

nacionaes impressas, proveitosas e baratas, ha meios, e seguros, para a resolução d'este importante problema social; mas nem a mim me pertence propôl-os, nem um congresso de tantos, taes, e tão respeitaveis varões, necessitaria de inspiradores.

*

Logo que uma lei houver, por uma parte difficultado a publicação dos livros ruins (o que vale tanto como dizer: curado o corpo social de uma lepra corrosiva), e por outra parte promovido, com premios condignos da grandeza do serviço, a apparição de livros de benção, e proporcionado a esses livros summa modicidade em preços, pelo embaratecimento das materias primas, do papel, dos typos, das vinhetas, dos prelos, da tinta, e mais partes da typographia, pela criação de uma escola e officina de compositoras no Recolhimento da Casa-pia, no da Misericordia, ou outros semelhantes estabelecimentos, pela criação de escolas de gravura em madeira nas Academias de bellas-artes, e na Casa-pia tambem; todas as familias poderão ter, e terão, sem sacrificio do necessario, sua biblioteca mais ou menos abundante, como em todas as casas ha sua sala mais ou menos ataviada, uma cosinha para o alimento do corpo, uma cama para o descanço, e (até nas mais serranas e indigentes) o seu oratorio para a devoção.

Como no domingo, e nas festas notaveis do anno, todos desbaratam um pouco do supérfluo para haverem o seu quinhão na ale-

gria commum, todos hão-de egualmente querer o seu quinhão no bodo publico da sciencia, quando os alimentos para a alma ali fôrem sãos e apetitosos, e o escote não assustar a bolsa alguma.

A Sciencia e a Literatura em grossos volumes foi o monopólio, o privilegio, a aristocracia. Cedeu a vez ao Jornalismo. O Jornalismo foi a anarchia; o Jornalismo (segundo a phrase moderna) já tambem fez o seu tempo.

E' chegada a era nova, em que o ler tem de participar da barateza, prontidão, e diffusibilidade do *periódico*, e da substancia, permanencia, e consideração, do *livro*.

Por outra, e falando familiarmente: o pão da Instrucção, que só se vendia inteiro, de grande volume, de grande pezo, e por isso só a poucos, ha-de vender-se em pequeninos, e a todos. A Encyclopédia ha-de dispartir-se em mil tratados, para chegar ás posses, ao gôsto, e aos interesses, de cada um; communhão santa, grande, immensa, cheia e palpitante de futuro, mas que só pode ser cabalmente realisada pelos supremos Poderes da Nação.

A' espera d'esses dias, que poderão não tardar, e até para os evocarmos e lhes apressarmos o apparecimento, nada mais conveniente do que a alliança patriotica, sincera, intima, do Escritor com o Impressor, do Impressor com o Escritor, e do Editor com ambos elles.

*

A vós, Senhores, que possuís a mais rica e bem organisada typographia, que jamais

particulares estabeleceram ou ambicionaram n'este Reino; a vós, que dispondes de importantes capitaes, de innumeraveis e antigas relações em todos os pontos do Paiz; do credito, que é o facilitador principal de qualquer empreza; a vós, que tendes o genio de ousar muito, e tudo; a vós pertence o invejavel direito de iniciativa n'este transpôr o cabo NÃO, n'este converter as tormentas em BOA ESPERANÇA, descobrir o Oriente, e accumular-nos de melhores opulencias que as antigas.

Convidae os escritores portuguezes a fornecerem de boas obras os vossos prelos regenerados, e dentro em poucos annos regeneradores. Coadjuvados energicamente por elles, dae nos, compillados do francez, do castelhano, do inglez, do allemão (mas com discernimento, sem superfluidade nem míngua), claros, vernáculos na linguagem, illustrados de estampas, excitativos para o gôsto, seductores pela quasi nullidade do preço, os manuaes de cada sciencia, de cada arte, de cada mistér, de cada profissão, de cada estado.

*

Dae-nos annualmente, mensalmente, quotidianamente, ás dezenas, aos centenares (aos milhares se possivel fôr) os tominhos em formato de 32.°, ou de 64.°, de cem paginas, de cincoenta, de menos, por 60 reis, por 50, por 40, por 30, por 20: agora, biographias instrutivas; agora, receitas uteis; já, capitulos biblicos escolhidos; já, contos moralisadores e doutrinaes; umas vezes, resumos historicos; outras, diversos ramos bem colhidos e flori-

dos das sciencias naturaes; as differentes partes da economia domestica, da administração rural, da commercial; as differentes partes da hygiéne, e a hygiéne das differentes edades, sexos, e mistéres; a medicina doméstica; os rudimentos da Religião, os da moral, os da civilidade; a jurisprudencia usual; diccionarios especiaes; a grammática; a logica; a arte de falar e escrever, ao alcance de todos; as guias do viajante no nosso e nos outros paizes; as estatisticas; as regras do edificar; as providencias para os incendios; as precauções para os contágios; os catalogos das publicações de valia; o exame sério da questões sociaes; os acontecimentos contemporâneos de maior vulto; os alvitres plausiveis; em summa: tudo quanto, no muito ou no pouco, directa ou reflexamente, possa concorrer para o melhoramento dos individuos, das familias, das povoações, do Estado, e da Humanidade.

No meio d'este pulular de LIVRINHOS D'OIRO trocados por ténue cobre, um jornal de Instrucção pública, que os annunciasse, que os julgasse, que fosse encaminhando o discernimento e gôsto público, um jornal innocente de todas as *politicas*, impassivel para as injúrias, sempre dominado da luz de cima, sempre com os olhos para o Nascente, sempre illustrado, conselheiro e amigo de todos, sería o complemento da vossa obra sem medidas, e gloriosissima.

*

Senhores, á generosidade e franqueza com que me convidastes a coadjuvar-vos, entendi

que não podia corresponder melhor, do que expondo-vos a minha predilecta utopia de amor, e supplicando-vos em favor d'ella toda a protecção, que as vossas muitas fôrças comportassem.

Por minha parte, podeis estar certos de que vos não hei-de desamparar, já como escritor, já como conselheiro onde me fizerdes a honra de me querer ouvir, já como abonador e recommendador dos vossos livros uteis aos mestres primários das escolas, em que a Lei me concedeu alguma ingerencia.

Os sabios e literatos do nosso Paiz, estou certo de que se resolverão, logo que os convoqueis, a levar-vos um auxilio, sem o qual todo o ardor da vossa vontade cahiria inutilisado. Como, porém, em geral, os que possuem o saber nada mais possuem por ora n'este Reino, além d'isso carecem quasi todos da experiencia de administrar mercantilmente, e de canaes estabelecidos largamente ramificados, e muito seguros, para a diffusão proveitosa dos seus livros, releva que sejais vós mesmos, mediando contratos, de parte a parte equitativos, com cada um d'elles, os que os colloqueis no pé de independencia, no retiro e remanço necessarios, para bem servirem por vossas mãos á Instrucção pública.

Senhores, os fabricantes de papel são outros auxiliares, de que não podemos prescindir. E' necessario convidal os a concorrerem para a obra nacional com todo o seu possivel contingente: que a materia-prima para o livro bom e util tenha um favor decidido no seu custo, e na maneira do paga-

mento. Um concurso que abrisseis aos fabricantes de papel dar-vos-hia (ou muito me engano) resultados satisfatorios.

*

Conjurados assim á sombra da vossa bandeira, o escritor, o productor de materia prima, o impressor, e ainda por ventura agregados a elles os desenhadores, os gravadores, e os proprios livreiros, pois que o princípio que invocais do *interesse commum* não é mais vosso que de todos os outros Portuguezes, só restaria, em quanto esperamos pelas novas leis de emancipação intellectual, sollicitar (e n'este caso sollicitar sería obter) do illustradissimo Governo de Sua Majestade Fidelissima, a protecção efficaz, que elle pode liberalisar á vossa Emprêza, recommendando e insinuando, pelos Chefes administrativos a todos os Municipios, pelos Governadores militares a todos os Corpos, pelos Prelados a todos os Párochos, pelos Commissarios a todos os Mestres de Instrucção primária e a todas as casas de educação, pelo Commando naval a cada navio do Estado, pela Procuradoria régia a cada prisão, pelo Conselho geral de Beneficencia a todos os estabelecimentos de caridade, pelo Ministerio da Marinha a todos os Governadores do Ultramar, n'uma palavra: por todos os modos imaginaveis a todos os cidadãos e a todas as cidadans d'este Paiz, que ainda pode e já quer regenerar-se, a assignatura ou a compra da vossa projectada e verdadeira *Bibliotheca nacional*, e do vosso *Jornal de Instrucção pública.*

Lisboa 5 de Dezembro de 1853.

XVI

N'um Album

(1853?)

Tinha feito voto de não pôr jámais o meu nome em album. Apparece-me este, apresentado pelo meu poeta Francisco Palha, com empenho de que o estreie, e com declaração de ser essa a vontade de sua Ex.ma dona, a qual só reserva as primeiras paginas para um filho cultor de Letras.

Que escrever no livro de uma boa mãe? ¿Versos ociosos? seria profanar-lh'o. ¿Louvores, embora merecidos? seria desservil-a. ¿Subtilezas de espirito destillado? ¿quem as soffre? ¿Maximas ou sentenças? ¿de que servem, se não fôr para adormentar?

Registarei pois n'este memorial de uma dama, que, por mãe, já é tão interessada como eu no futuro, o annúncio da minha mais cara ideia de civilisação, que n'esta hora, e aqui, escrevo pela primeira vez: é a proposta, que vou apresentar ao Povo portuguez, para a extrema simplificação da sua orthographia; proposta, de cuja adopção teem de ser os pri-

meiros e infalliveis resultados o aprender-se a ler e a escrever correctamente em poucos dias, o poder-se instruir a Nação toda, o poderem, por conseguinte, as gerações subsequentes valer muito mais do que esta nossa.

Não é aqui o logar de expôr um systema, embora simples. Em vez d'isso, porei versos; poucos e pobres versos, mas escritos com a orthografia, que (se o coração me não engana) ha-de ser a dos nossos descendentes, e ainda a de todos nós em poucos annos.

Estes versos, os ultimos que fiz, são o cantico da puericia para o fim de cada lição nas escolas de leitura e escrita repentina, n'estas escolas de que eu me glorío, só porque sei que as boas mães as abençôam.

Qãticu
dux alunux de laitura repétina
au finalizar qada lisãu.

Poix nu abrir du extudo a lida
te ĩvuqámux ó Señor,
dê-te u qãtu á dexpedida
grásax mil d'ĩtérnu amôr.

Raiô lux na exquridáde
qômu ũ dôse álvuresêr;
a alegria, a variedáde,
pôx ĩqãtux nu aprẽdêr.

Sãi teror, sãi vix qaxtigux
rĩdu a exqóla nux atrái;
tãi u méxtre ãi nóx amigux;
têmux nêle amigu i pai.

Da ĩxtrusãu i da ternura
qólãi-se ôje a pár ux bãix.
¡Glória au nósu Dêux na áltura!
¡pax na téra áx nósax mãix.

XVII

Um brado d'aqui d'el-Rei em favor da Escola primaria.

Representação a el-Rei D. Fernando, Regente em Nome de seu Augusto Filho el-Rei D. Pedro V.

(1854)

Senhor.

Se vossa Majestade Fidelisima, em vez de ser, assim como é, a primeira Pessoa d'este Reino, fosse um dos seus mínimos cidadãos, mas com as luzes, o entendimento, o coração, as virtudes, que todos em V. M. F. admiramos, ainda assim ambicionára eu como honra grande, e sollicitaria, como efficaz auxilio para a campanha civilisadora em que me desvélo, que um Homem tal examinasse, e reconhecesse por si mesmo, o Methodo portuguez, este Methodo redemptor da puericia, boa nova para as mães, e facilitação de incommensuraveis futuros.

¡Que será, quando a tantos dotes pessoaes V. M. reune a summa vantagem de occupar um Throno, e de possuir, para as reformações e para os melhoramentos nacionaes, uma quasi omnipotencia!

Senhor, a Augusta Esposa de V. M. F. Honrou com suas visitas, e ainda mais com

mostras claras de benévola approvação, as escolas regeneradas nos Asylos de infancia desvalida.

S. M I. a senhora Duqueza de Bragança, encantado-as a miude com a sua Presença, tem repetidas vezes escrito, e assignado de seu punho, nos liuros da mesma Sociedade, a que preside, os gloriosos testemunhos do interesse, que este philosophico e amoravel ensino lhe merece

Mais de um Ministro da Corôa, mais de um membro do Corpo legislativo, mais de um orgam da publica opinião da Imprensa periodica, mais de um estrangeiro instruido e sem inveja, teem enchido de eguaes depoimentos espontâneos aquelles livros, depois de terem reconhecido, pela observação dos factos, os notaveis beneficios que trouxe, e os incomparavelmente maiores que deverá trazer, esta pacífica revolução.

Para o triumpho completo do Methodo portuguez, triumpho a que de balde se teem procurado oppôr algumas pessoas superficiaes, de pouco espirito e ainda menos coração, só falta que V. M. F. Se Digne, á imitação d'Aquellas duas muito altas, muito poderosas, e em tudo muito exemplares Senhoras, Honrar tambem com a sua visita, e com o seu profundo e imparcial juiso, as mencionadas escolas da infancia desvalida, ou qualquer das outras, que, pelo mesmo Methodo, e com as devidas habilitações, se acham funccionando n'esta Côrte.

A convicção que V. M. d'ali ha-de trazer, tem de influir necessariamente, do modo mais efficaz, na illustração d'este Paiz, que

V. M. ama como patria, e que em V. M. se acostumou, já de muito, a ver o seu melhor Amigo, e o seu mais benigno Bemfeitor.

Senhor, a graça que assim requeiro a V. M. F. (e não para mim como autor, nem para o Methodo como criação portugueza, mas para uma facil e copiosa herdação de Portugal), não é V. M. Principe que a deixe de conceder de mui boa mente.

Genio allemão, rico de moralidade e sciencia, educador de primeira ordem, amigo natural da infancia, empenhado em deixar grandes exemplos aos Reis da sua Linhagem, V. M. F. ha de querer reconhecer, por seus olhos e ouvidos, se ha aqui uma illusão de muito amor, ou uma realidade de muitissimo proveito.

Artista, que se présa de o ser, e que tantas artes tem sabido honrar ao mesmo tempo, V. M. F. se deliciará de ver n'aquellas escolas, como principal incentivo ao gôsto dos alumnos, o rythmo, a harmonia, a musica, o desenho, e a imaginação; a imaginação, que aplana e cobre de flôres os caminhos escabrosos do estudo.

Faltaria eu ao respeito que devo a V. M. F. se prolongasse mais estas instancias, como tambem haveria faltado ao que devo á Humanidade, se, por mal entendido excesso de acatamento, me houvesse esquivado a expôr estes desejos na presença de V. M. F.

Deus guarde por largos e felizes annos a V. M. F.

Lisboa 3 de Agosto de 1854

A. F. DE CASTILHO.

A Civilisação n.º 353, de 30 de Julho de 1857.

NOTA

Tendo Castilho pedido ao seu bom amigo Antonio José Viale, então muito chegado ao Paço, como consideradissimo Professor d'el-Rei D. Pedro, e do senhor Infante D. Luiz, depois rei, tivesse a bondade de entregar em mão ao senhor D. Fernando a carta supra, a fim de evitar qualquer extravio, Viale respondeu-lhe com a seguinte carta:

«Illmo e Exmo Sr.—Não podendo ir hoje pessoalmente aos pés de V. E., accuso a recepção da carta de V. E. datada de hontem, e agradeço muito e muito os termos benevolos e lisonjeiros em que ella é concebida, bem como me dou por sobre maneira penhorado da honra que V. E. me faz, escolhendo me para apresentar a tão Augusta Personagem uma petição de V. E. sobre assumpto de transcendente importancia.

«Para executar o que na mesma carta V. E. me ordena, como para tudo mais que fôr servido determinar-me (quanto couber em minhas fôrças, ou estiver ao meu alcance) V. E. me tem, e terá sempre, á sua disposição, como cumpre a quem se présa de ser um de seus mais sinceros admiradores, e a quem não esquece os muitos e valiosos favores que de V. E. tem recebido. Devo porém informar a V. E., de que a Côrte vai amanhan para Cintra. Não se poderão por consequencia verificar as desejadas visitas, senão depois do seu regresso a Lisboa, que não será antes do fim de Setembro.

«Eu irei a Cintra na proxima semana, e nenhuma dúvida tenho em entregar a Sua Majestade a petição, ou carta, de V. E. Parece-me todavia que isso não convirá; porque, quando fôr chegado o tempo de se poder effeituar o que n'ella se sollicíta, naturalmente já estara menos viva a impressão produzida pela leitura de uma suasória tão eloquente, ditada com tanto calor de affectos, e escrita com os primores de dicção e estylo, que são hoje na nossa terra privilegio exclusivo de V. E., e privilegio incommunicavel, porque não concedido por diploma, mas por dádiva do Ceo, melhorada pelo estudo, pela meditação, e pelo exercicio.

«Comtudo, se V. E. julgar conveniente que a petição se entregue em Cintra mesmo, sirva se de significar-me as suas intenções, com as quaes prontamente me conformarei.

«Rogo a V. E. o obsequio de apresentar á sua Ex.ma Esposa minha senhora as homenagens do meu respeito, servindo-se tambem aceitar os repetidos protestos de alta consideração e estima com que tenho a honra de me assignar.

«De V. E.
admirador, discipulo,
criado, collega, e amigo
obrigadissimo

Casa de V. E.
4 de Agosto de 1854

ANTONIO JOSÉ VIALE.»

XVIII

Prologo ao livro francez de Saint-Germain le Duc

NOVO AMIGO DOS MENINOS

Traducção portugueza de LUIZ FILIPPE LEITE.

(1854)

I

O *Novo Amigo dos meninos* era, em meu entender, a obra mais propria para estreias da *Bibliotheca Nacional.*

Havia em todas as Linguas crescido número de livros endereçados á moralisação, instrucção, e recriação, da puericia e adolescencia de um e de outro sexo. Mas o Mundo tinha crescido; a sociedade achava se transformada; os seus interesses e as suas tendencias corriam por diverso rumo; as cartas de mareação dos educadores de cincoenta annos atraz não podiam bastar para hoje.

O Amigo dos meninos, do immortal Berquin, e os deliciosos poemas em prosa, de Bouilly, completavam quanto no tocante á moral se podia desejar; sem falarmos n'uma quantia de escritores de relevante mérito, que, apóstolos fieis d'aquelles dois missiona-

rios do Christianismo prático, continuaram a mesma santa empreza, de semear nos corações dos individuos, e na estação propria, muita felicidade para o tempo, e para a eternidade.

II

Se o homem não vive só do pão, mas tambem da moralidade, fica verdade clara, correlativa ou implícita, que tambem não viverá só da moralidade, se lhe faltar com que satisfaça ás numerosas precisões da sua natureza terrena e corporal.

Fez-nos Deus materia, e espirito. Mal entende, e mal desempenha, por sua parte, os designios da Providencia, quem, para servir a uma das metades do nosso ser, esquece ou posterga a outra inteiramente.

O fanático santão da India, ou da Europa, que se desata de todos os laços da nação, da cidade, e da familia; que se vai entrincheirar entre penedos para não ter que se arrostar com as tentações; que faz consistir toda a sua virtude em não lesar; que enterra os talentos, que Deus lhe confiára para serem negociados; que arvóra a ociosidade em innocencia; que, por ter renunciado os serviços dos outros, se julga dispensado e absôlto de os servir; que jejua, ao longo dos annos todos, com raizes amargosas e agua da fonte, no meio das delicias e do perenne banquete, que Deus andou delineando e apresentando para todas suas criaturas nos seis dias da criação; que, finalmente, a poder de engolfar pelos Ceos os olhos do espirito, se des-

lembra de que nasceu homem entre homens, irmão entre irmãos, herdeiro e herança do passado, com a cláusula de testar e se testar para a Posteridade; será um bello Santo para lendas poeticas; mas, se deixou de cumprir tantos outros mandamentos da Lei natural, da Lei escrita, e da Lei da Graça; não leve turbação ha-de sentir no dia da conta, quando na sua láuda se achar em branco a verba do comer aos famintos, do beber aos sequiosos, e do vestir aos nús.

Ao revéz d'este, o materialista não levanta uma só vez a vista para as alturas, nem a volta para dentro. Como a terra, as mãos, as máchinas, os animaes, produzam o mais possivel, o mais perfeito possivel, e no minimo praso possivel; como toda a fecundidade da mulher se aproveite para dilatação do povoado; como a Especie humana crêsça em numero, em fôrças, em tráfego, em invenções; como nada falleça ás necessidades primárias, ás secundárias, ás terciárias, do existir physico; como a meza seja farta e regalada, a vivenda segura e san, ridente, e luxuosa, o vestido, mais que vestido, adôrno e preciosidade, a viação macia e instantânea, a communicação dos pensamentos electrica, a illuminação das noites dia; como o vapor cubra de fumarada os mares, as estradas, e as cidades, as fabricas trovejem, os armasens se encham e vazem de contínuo, os mercados refêrvam, o luxo e a moda peçam e obtenham indefinidamente, e nem uma flôr nem uma florinha, nem uma pétala, falte á corôa da victima do sepulcro; todas as suas ambições estão preenchidas; e pouco im-

porta á sua sciencia exclusiva o como vai lá dentro á alma; se o coração é ou não Lázaro aos pés da meza do festin; se dentro da sociedade está a sociabilidade, dentro na abundancia o amor mútuo e a paz da consciencia, dentro no praser a esperança de bens mais valiosos e duradoiros.

O fanático do Espirito, se dominasse, supprimiria o Mundo; o fanático da Materia aboliria a Alma.

¡Ainda bem, que nem eu nem outro pode alterar a essencia do homem, mixto de terra para a terra, e sôpro divino para o Ceo; criado em paraiso, condenado ao trabalho e ás penas, mas rodeado ainda de uma Natureza alegre e dadivosa; desterrado para valle de lagrimas, porém verde, florído, frutuoso; com engenho e fôrças para transformar tudo, excepto a sua indole primitiva, amante, poetica, religiosa.

E', pois, ao desenvolvimento do homem, tal como Deus o concebeu, o fez, e o conserva, que deve aspirar a educação que fôr digna de tão nobre titulo.

III

O Amigo dos meninos, de Saint-Germain Le Duc, pôsto a esta luz, justifica perfeitamente a qualificação, que o autor lhe juntou, chamando-lhe *novo*. Os seus predecessores, amigos tambem dos meninos, isto é, dos homens, tinham-se confinado nos interesses da moral. Le Duc associou-se d'alma e coração aos trabalhos industriaes, que são quasi o

exclusivo caracteristico d'esta era; mas o antigo empenho moralisador, não o perdeu de vista um só momento.

Quer as máchinas, mas ama os obreiros. Quer os caminhos de ferro, mas as viagens não o fazem esquecer do remanço e dos gôstos íntimos da vida doméstica; quer os deleites para os sentidos, mas conjuntamente com os de muito amar; quer a riqueza, mas não dispensa por ella a bondade; quer a vida, mas com a lembrança de outra vida; quer que o homem crie depois do Criador, pois recebeu d'Elle faculdades e instrumentos para isso, mas que, no meio do seu criar, se lhe não desluza da memoria e do sentir profundo, que foi criado por uma Omnipotencia bonissima para mais altos fins, evidentemente, do que lutar alguns annos com a materia, desfrutal-a, e fenecer.

E' portanto um optimo livro por parte da intenção, e a obra de um homem de bem; louvor altissimo, que a bem poucos se pode dar.

IV

Expõem se e comparam-se no 1.º tomo os diversos modos de viação, para se conferir a palma aos caminhos de ferro.

A descripção d'estes, com todos os seus pormenores, e maneira como por elles se viaja, compõe o 2.º

O 3.º versa quasi todo em moral prática, muito san e persuasiva; mas lá se vai ainda ás ferrarias, forjas, e outras indústrias.

Trata o 4.º dos tecidos: lan, linho, e cânhamo.

O 5.º, de algodão e seda.

No 6.º, emfim, temos a historia de varios inventos de todo o genero, e temperada de muito bons conselhos, que nem todos por ventura serão perdidos.

V

¿Corresponderá a execução á intenção? Creio que sim.

A Poesia e a Rhetórica não foram invocadas pelo autor. Deixou as phrases brunhidas e aljofradas, a filagrana, a pedraria multicôr, esplendida, mas sem valor intrínzeco, á escola *folhetinistica*, seita deploravel, que do folhetim se tem derramado para o livro e para a conversação, e que está caracterisando a História literaria d'esta era, como uma das mais vaidosas e mais vans.

O homem das máchinas e dos homens em flôr, não podia profanar a santidade do seu dúplice culto com esses oiropéis, com essas flôres artificiaes, inodóras, infecundas, que obrigam o pensamento sisudo a sorrir de lástima, e que são todo o património, e que fazem toda a ufania, dos escrevedores.

Querendo pôr a doutrina em acção, despréza os enrêdos complicados do romance moderno. A vida commum, com os seus incidentes triviaes, lhe bastou. Ha n'isto mais de um mérito.

VI

A sua linguagem moldou-se pela singeleza natural do plano: é a conversação séria, facil, desambiciosa, do pae, da mãe, dos filhos, dos operários, e dos criados. Com elle anda-se constantemente pelo mundo real trabalhando para o futuro, dizendo e ouvindo coisas, menos brilhantes que verdadeiras e sólidas. A poesia da phrase, ide a procurar n'outros; n'elle só ha a do amor e do progresso.

VII

Todo o estylo tem os seus escólhos. «O escritor que aspira a passar sempre por grandioso (já Horacio o tinha dito) faz-se túmido; o demasiadamente acautelado, e medroso de borrascas, rasteja.»

Saint-Germain Le Duc rasteja algumas vezes; é, por ventura, o seu *senão* principal. A poder de sacrificar á clareza, acontece-lhe a miudo ser diffuso, redundante, e trivial.

O traductor viu e reconheceu bem no seu original de oiro estas manchas, estas frequentes faltas de polimento e brunhidura; e entendeu que lhe corria a obrigação de esmerar, quanto podesse, o que o autor, ou por excessiva rapidez, ou mais attento ao *fundo* do que á *forma*, tinha deixado escapar de menos accurado no seu escrito.

Por isso adoptou como primeiro principio, axiomático para toda a gente de bom gôsto, que a tradução devia ser livre.

«A versão fidelissima é de todas a mais infiel» escrevia Voltaire. Se a sentença é verdadeira quando se trata de paginas escrupulosamente esmerilhadas, muito mais ainda se deve ella applicar aos livros, cuja importancia indisputavel consiste, quasi exclusivamente, no pensamento.

Fiel, pois, ao pensamento, o intérprete portuguez soltou-se, desde os primeiros passos, de uma literalidade servil, cuja primeira consequencia haveria sido mallograr todo o trabalho, pelo tédio e repugnancia, que forçosamente viria a causar a quem quer que encetasse, ou por acaso folheasse, os seus volumes.

Disse em si, o que todo o traductor deveria sempre dizer antes de pegar na penna:

«Conheço o meu autor; estou inteirado do que pretende, e compenetrado da sua indole; resta-me fazel-o falar, como elle proprio falaria se escrevese na minha Lingua.

«Ha em todos os idiomas um fundo commum e logico; ha em cada idioma o seu haver privativo, a sua guarda roupa, a sua guarda joias, e o seu toucador especial. Este homem,que tem de vir conviver com os nossos, ha de trajar-se, o mais que ser possa, á nossa moda,ha-de embuir-se nos nossos usos; ha-de tomar (quanto eu podér) não só o exprimir da nossa sociedade, mas ainda as suas reminiscencias: o nosso dia de hoje, com todos os saudosos reflexos dos dias sempre amados da nossa puericia, e das tradições sempre saudosas dos nossos maiores.»

VIII

Confessava Cicero, que era na conversação e trato com as mulheres, com as velhas, com os ignorantes, no lar doméstico íntimo, que elle temperava de familiaridade o seu latim. ¡Grande exemplo, e grande conselho! D'ahi, aquelle perfume de verdade, que se exhala não só das cartas familiares d'aquelle Esplendor summo das Letras romanas, mas até, muitas vezes, do meio das pompas dos seus discursos forenses, que excitavam o enthusiasmo do Povo-rei.

E' uma grande virtude de escritor esta: ousar ser simples, e cheirar de longe em longe até á rustiquez bondosa dos antepassados.

IX

Criticos ha por ahi, cujo gôsto espartilhado, frizado, perfumado, pespontadinho, assucarado e mesureiro, se offende, se enjôa, com tudo que lhes dá ares de chão, de modesto, de nativo, e de portuguez de lei.

Phrase que não fôr guindada, como as suas; dizer que, mudadas as desinencias, não possa figurar logo n'uma novella franceza alti-sonante; expressão que tenha a desgraça de ser entendida por uma cosinheira ou por um official mecânico; anexim que lhes recorde o palrar da sua ama de leite, ou os contos com que sua avó os embalava, são para elles abominações; e o escrito onde ap-

parecerem, inferior á critica, inferior até ao ridiculo.

Que se fiquem embora com as suas pompas esses criticos. Para nós outros, todos os estylos são bons, excepto o tedioso, ou o inintelligivel. Desde o sublime até ao chulo, todos teem seu mérito e seu preço; e Virgilio não é lido com mais deleite que Cervantes.

Como se evite o que é tôrpe, immundo, e ignóbil, tudo mais (comportando-o o assumpto, e havendo discernimento e tacto fino para com elle o harmonisar), anexins, idiotismos, simplezas amaveis, tudo é bom, tudo é optimo, tudo é para louvor, tudo pode ser para imitação.

X

E aqui, ainda uma ponderação, que se me afigura attendivel:

Se um excesso pode alguma vez ser justificado, é sem duvida pela precedencia e provocação de outro excesso.

A nossa Lingua tem-se excessivamente desnacionalisado, e por todos quantos modos tal desgraça lhe podia vir:

desnacionalisado, pelo decahimento de seus foros antigos;

desnacionalisado, pela intrusão de vocábulos forasteiros desnecessarios;

desnacionalisado, pela viciação da sua syntaxe;

desnacionalisado, sobre tudo, pelo esquecimento da sua construcção semi-latina, que era (¿quem ousará negal o?) muito mais serviçal para as exigencias chronológicas, logi-

cas, e artisticas, dos pensamentos, do que a pobre construcção franceza, que os jornalistas, e os traduzidores empreiteiros, quasi teem feito prevalecer.

No meio d'esta desnacionalisação, deploravel quando perpetrada de tal modo, parece-me que ha generosidade e bom serviço em oppôr ao progresso da invasão a reacção da nacionalidade; em carregar a mão dos saes antigos, para precaver (ou ao menos retardar) a corrupção total.

Foi este o espirito que presidiu constantemente á traducção do snr. Leite.

¿Prodigalisou elle com sobejidão o vocabulario familiar, os anexins, os proverbios, as graças, os idiotismos, os dizeres exclusivos portuguezes, nativos e hereditarios? Talvez.

Quiz engrossar o paredão, porque a marezia era forte, e ameaçava, apóz a Lingua, muitas outras coisas.

Accusem-n o; mas só depois de terem condemnado os devastadores de tão rico património, como era a fala portugueza.

Sentenceiem-n o; mas a sentença diga: *Condemnado, por ter ousado ser muito portuguez em 1854.*

XI

O amor á patria Lingua aconselhava e persuadia tal puritanismo. A rasão, porém, requeria que se não levasse a virtude ao excesso de condemnar os neologismos, onde a necessidade peremptoriamente os vinha pedindo. Era a theoria do judicioso Horacio; era,

por sua bôcca, exigencia do senso commum. O traductor não hesitou em a adoptar.

Para as coisas geraes e antigas, criados estão desde muito os termos e as fórmulas do dizer. Ahi, as innovações são pelo menos arriscadas.

Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está que não pode supprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem expressar.

Em geral, é o Povo que inventa ou descobre, e o que baptisa de seu idioma a coisa inventada ou descoberta; e o nome com que elle a baptisa, conjuntamente com a coisa o recebem os outros povos, só com a differença de lhe darem, sem o desfigurarem, a feição de orthographia e desinencia, que o ponha em harmonia com as outras palavras, com que essas naturalisadas teem forçosamente de conviver.

E' assim, que a nossa linguagem maritima, quando em pontos de navegação e conquista démos lições e exemplos a todo o Mundo, extravasou para o diccionario dos outros povos um sem-número de vocábulos technicos, que, mais ou menos alterados, ainda hoje por lá se conservam e reconhecem.

A technologia das Artes-bellas é italiana por toda essa Europa; a das modas e a da Literatura, franceza; a da Indústria, Finanças, e Commercio, ingleza; a da Gastronomia, mixta das fontes italiana, franceza, e ingleza.

XII

Não é aqui logar proprio para dissertações philológicas e linguísticas; não obstante, aventuraremos a este propósito alguma ponderação.

Quando Horacio (citar Horacio é citar a rasão demonstrada, e confirmada pelo consenso geral) escrevia que para os inventos e descobrimentos contemporâneos se podiam criar novos termos, acrescentava logo, que tal licença se havia de tomar *com parcimónia*, e que essas palavras recem-trazidas só adquiririam crédito se se derivassem da fonte grega, com muito moderado desvio.

... Nova factaque nuper habebunt verba fidem, si Græco fonte cadant parce detorta.....

XIII

Continuemos a ouvil-o, que vale a pena, e é lição para todos nós, mui valiosa para n'estes tempos que vão correndo.

—Se os nossos classicos de outras eras—diz elle—inventavam, e lh'o não extranhâmos, ¿por que se extranharia aos do dia de hoje, e a mim, o inventarmos? Foi sempre lícito, e lícito ha de sempre ser, bater moeda de linguagem, como se lhe imprima cunho vigente.

..... Quid autem Cæcilio, Plautque, dabit Romanus ademptum Virgilio, Varioque. Ego cur acquirere pauca

si possum, invideor, quum lingua Catonis et Enni sermonem patrium ditaverit, et nova rerum nomina protulerit? Licuit, semperque licebit, signatum præsente nota procudere nummum.

—Assim como os bosques,—acrescenta elle—ao descahir de cada anno, largam a folha, para a retomarem nova, assim tambem vão cahindo as camadas das palavras velhas, e veem vicejando no seu logar as recem-nascidas.

Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos,
prima cadunt; ita verborum vetus interit ætas,
et juvenem ritu florent modo nata, vigentque.

—Nós, e tudo nosso—finalisa elle—pertencemos á morte. As maiores obras dos maiores potentados não se lhe eximem. ¿Como aspiraria logo a immortalidades a louçania da nossa linguagem? Muitas partes d'ella, depois de cahidas, renascem. Muitas das que hoje pompeiam, cahirão segundo aprouver ao uso, que é o árbitro, o senhor, e o regulador unico do falar.

Debemur morti nos nostraque. Sive receptus
terra Neptunus classes aquilonibus arcet,
regis opus; sterilisve diu palus aptaque remis
vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum;
seu cursum mutavit iniquum frugibus amnis
doctus iter melius; mortalia facta peribunt.
Necdum sermonum stet honos, et gratia vivax.
Multa renascentur, quæ jam cecidere; cadentque,
quæ nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
quem pœnes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.

XIV

O corollario de applicação de tudo isto á materia sujeita é: que os objectos da moderna industria estrangeira não podem deixar, quando para cá entrarem, de ter nomes que Gil Vicente, Camões, e Vieira, nunca ouvissem; que esses nomes nos hão-de correr das fontes naturaes, as quaes são para a nossa Lingua o latim e o grego, (que o são quasi geralmente para todas); ou do nosso mesmo peculio portuguez, por composições, derivações, ou translações; ou emfim do idioma da gente d'onde a novidade nos procedeu.

O que era para os Romanos de Horacio a *fonte grega*, são para nós, na Industria, a fonte ingleza e a franceza.

E a rasão é clara:

De Athenas aprendiam os Romanos a civilisação do seu tempo; das nações grandes nossas coévas colhemos nós a civilisação do nosso.

Se para a ideia nova se podér, por extensão de significação, trazer vocábulo nacional anterior, bem. Se, por composição de vocábulos nacionaes anteriores, ou de raiz latina ou grega, se podér fo mar, como os sabios lá por fora tantas vezes o praticam, bem. Se, não se obtendo coisa plausivel por tentativas d'este genero, se houver emfim de tomar o vocábulo forasteiro para designação da coisa que de lá importámos, venha nas boas horas esse vocabulo. Mas, para que o Povo, que não é pródigo em conceder cartas de naturalisação, lh'as não recuse, ou lh'as

não impeça de má vontade e fora de tempo, assuma o tal vocabulo peregrino com a melhor graça que podér, trajo, aspecto, e pronúncia dos indígenas da terra para onde vem viver.

XV

É isto o que, segundo entendo, praticou o snr. Leite na sua traducção; muito a mêdo ainda assim; porque n'um assumpto d'esta especie, para o qual não ha código de leis reconhecido e sanccionado, cada um julga a seu talante; pelo gôsto do seu espirito, pela sua abundancia ou carencia de conhecimentos, pelo costume que tem de dizer e de ouvir.

De qualquer modo que elle baptisasse uma das novidades de que lhe importava dar conta, e por mais chrismas que do primitivo nome fizesse para condescender com apetites alheios, era moralmente impossivel agradar a todos; e (para falarmos ainda maior verdade) era impossivel que não fosse por todos censurado.

O modo unico para um dia sahirmos d'esta anarchia tumultuária, que não é só questão de palavras, mas tambem, em ultima análise, questão de coisas e de interesses, sería o adoptar-se o alvitre, que elle mesmo propõe na sua nota impressa no fim d'este 1.º volume.

A Deus praza, que as duas grandes doenças d'esta nossa pobre terra, *indifferença* e *perguiça*, não tôlham aos sabios lentes das escolas superiores a realisação d'aquelle con-

selho, que os Legisladores lhes deveriam converter em obrigação muito positiva e apertada.

XVI

Agora um pouco sôbre a orthographia com que esta obra sai a lume, e com que outras muitas a irão seguindo [1].

A extrema simplificação no escrever deve ser um dos desiderandos maximos de todos os philantrópos.

Quando cada elemento da palavra falada por um unico modo se podér aos olhos representar, e cada letra escrita por um unico modo proferir-se, então, e só então, é que o ler e o escrever, e com elles tudo quanto ha de bom e desejavel, poderão chegar á plebe e ao vulgo, porque então só, o ler e o escrever, desenleados de perplexidades, não já em mezes, se não em poucos dias, se hão-de conseguir com perfeição.

Mas a simplificação orthographica extrema, se já se ousa pedir, não se ousa ainda conceder. Paciencia. O dia avisinha-se; e os arreboes, que bem claro o annunciam, são já estas ousadias, com que tantas consoantes, excusadamente dobradas, e tanto H sem valor nem graça, mas de posse velha, se desterram de paginas sisudas.

Assim se irão a pouco e pouco os olhos

[1] Esta obra *Novo Amigo dos meninos*, e o seu prólogo appareceram com uma graphia muito proxima da sónica. O leitor percebe que não podiamos adoptal-a n'esta edição.

Os Editores.

afazendo a uma escritura menos *latina*, e mais nacional, mais sábia se menos erudita.

A propria Academia Real das Sciencias de Lisboa (segundo é fama) já tambem vai desfraldar em suas mãos valentes e autorisadas a bandeira d'esta meia revolução. Com exemplo tal, e precedente de tão alto, não tardará que a festejemos generalisada. [1]

O restante, que não é senão corollario logico d'esta primeira concessão, nossos filhos o farão, se o não consumarmos nós outros.

A orthographia do *Novo Amigo dos meninos* portuguezes não podia deixar de ser esta, que é já muito menos inimiga d'elles, e de todos os que lêem.

XVII

Por aqui cerramos o prologo. Aceite o Público a obra de tão boa mente como lhe vai offerecida; e Deus lhe ponha a virtude, como o autor, o traductor, e os editores, lhe pozeram boa vontade.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1854.

---

[1] Sonho de utopista. A Academia não só nada fez, como se desejava, mas oppôz-se ás innovações.

Os Editores

XIX

No Album de D. Maria Peregrina de Sousa

POETISA PORTUENSE.

(1854)

Aceito com gratidão (e, se me não fôra offerecido, requerel-o-hia) o logar que se me offerece n'este registo da amisade. Posso assim ficar, de alguma sorte, presente aos olhos, como sei que sempre lh'o hei-de estar ao espirito e ao coração, da mais interessante Familia, que reune a todas as graças do Portugal dos bons tempos toda a cultura e delicadeza dos nossos dias.

Porto 2 de Outubro de 1854.

A. F. de Castilho.

XX

No Album do professor portuense Narciso José de Moraes.

(1854)

Ordenais-me que estreie o vosso Album; mas, amante (como eu) da pública Instrucção, que tanto vos deve já, e tanto mais vos ha-de ainda dever, não me perdoarieis se roubasse ás obrigações do ensíno o tempo que me sería forçoso despender em ressuscitar e desenterrar a Musa, para vos offerecer versos. ¿Que hei-de escrever pois? O bem que de vós penso, encher-vos hia o livro. Prefiro deixal o em *album*, tal como o achei. E' isso o que faço, depositando aqui o meu nome.

Porto 2 de Outubro de 1854.

A. F. de Castilho.

XXI

Carta ao periodico fluminense «Correio Mercantil».

(1855)

Snr. Redactor.

Devendo embarcar-me já hoje para regressar á minha Patria, facilmente se concebe se carecerei do tempo indispensavel para expressar em público toda esta multidão de affectos saudosos que me senhoreia, toda a gratidão que estou sentindo, pelos tantos e tão estremados obséquios, que os vossos conterrâneos me liberalisaram, e que bem me haveriam feito esquecer até do meu torrão natal, se o ninho em que se nasceu, e em que os filhos se estão criando, podesse desluzir-se nunca da memoria.

Diversos interesses, todos para mim mais poderosos que os da fortuna, me trouxeram ao solo da grande Nação americana, gloriosa Irman mais nova da gloriosa Nação portugueza. Precisava de beijar a mão de um Sabio coroado, que me honrára com demonstrações da sua benevolencia. Ambicionava saudar presencialmente tantos engenhos, como os que debaixo d'este ceo estão ufanando a prosa e a poesia da nossa Lin-

gua. Anhelava por abraçar um sem-conto de generosos amigos da minha Musa. Queria inspirar-me da poesia, ao mesmo tempo sublime e mimosa, profunda e voluptuária d'esta Natureza unica, corporificação avantajada de tudo quanto poetas do velho Mundo sonharam sôbre a edade d'oiro. Finalmente: possuia um fruto, e excellente semente, já não prohibida, nem prohibivel, da arvore-da-sciencia, uma boa nova para as boas mães, uma carta de alforria para as criancinhas, um elemento para a felicitação popular, um telégrapho electrico para a illustração e para a sociabilidade. Cubiçava offerecer á nossa Familia transatlantica estes bens, cuja realidade e cuja importancia eram já experimentalmente reconhecidas pelas altas e médias intelligencias da nossa Familia na Europa. Vim. Emmudeci clamores de outros deveres; desapertei laços de outras affeições; visitei, conheci, admirei, e amei em dôbro, a terra que Virgilio poderia ter enthusiasticamente saudado como a sua Ausónia, grande mãe de frutos, e grande mãe de homens.

Era da natureza das coisas que a novidade que eu trazia, por vir apresentada por mão humilde, pela sua mesma facilidade, e até pelo seu mesmo préstimo, encontrasse aqui (e em toda a parte encontra) agras difficuldades. A semente fica porém lançada em terreno pingue, e entregue a mestres hábeis e zelosos; os frutos hão de apparecer.

As inspirações extraordinarias d'estes ceos, recebi-as. Reanimei a ellas a minha Musa; escrevi muito; vou publical-o, dedicando

grande parte d'esses trabalhos ao Homem, que, se não tivesse Corôa de Imperio, indubitavelmente a haveria do saber e do talento.

Fraternisei-me com os poetas e escritores d'esta região, onde tão esplendida vem raiando a alvorada intellectual.

Recebi os bons abraços do principe dos oradores sacros em Lingua portugueza, os testemunhos de benevolencia dos prosadores e poetas de mais valia e de mais esperanças, juntamente com as lisonjeiras manifestações de tudo quanto o Estado possue de mais alto e mais influente.

Fui pela Imprensa quotidiana (e aqui tendes vós, snr. Redactor, quinhão largo nos meus agradecimentos) brindado com as expressões mais obsequiosas.

Finalmente: um artista digno de representar a Arte, e de fazer por essa parte as honras do seu Paiz a qualquer estrangeiro poeta que n'elle aporte, o honrador do meu amigo e confrade Arago, não pago de aviventar com o seu magnifico talento o meu drama de Camões (festa memoravel, que eu sinto não me ser possivel presencear), quiz dar-me ainda, na véspera da minha partida, como se tantas honras e tantos favores d'este Paiz não fossem já de mais para me empenhar n'uma dívida indissoluvel, quiz, repito, n'estas horas ultimas, já para mim tão cheias de commoções, preparar-me um derradeiro triumpho. Quiz eu, e não pude, não soube, agradecel-o. ¿ E quem no meu logar o saberia ? O primeiro actor do Imperio, executou no primeiro theatro nacional da Côrte uma bella tragedia portugueza, de um dos mais afamados

poetas brazileiros, tudo em obséquio a mim, e convidado para isso mesmo o Público. A minha coroação n'aquelle vasto theatro, em que se não achava um unico logar desoccupado, duplice coroação, porque os versos com que essa grinalda me foi imposta por um joven poeta, em nome dos poetas seus conterrâneos, era tambem para a minha alma um diadema; os applausos geraes, com que esse acto de tão generosa e excessiva liberalidade foi acolhido; tudo isso reunido me deu a experimentar sensações, que eu nunca presumiria podessem caber em peito humano.

Não sou vaidoso; conheço-me; se o fosse, teria achado no Brazil com que satisfazer as minhas mais amplas ambições.

N'estes termos, snr. Redactor, ¡vêde se não levarei saudades para sempre! ¡e quantos pesares tambem, pela impossibilidade de manifestar, pessoal e individualmente, a tantos meus crédores de bom affecto o que encérro no coração!

Dignae-vos completar as mercês que me haveis prodigalisado, dando quanto antes publicidade a estas linhas, a toda a pressa lançadas em momentos de tão inevitavel agitação.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1855.

A. F. de Castilho.

XXII

Carta ao periódico bahiano «Correio mercantil».

(1855)

Snr. Redactor.

Regresso para Portugal. O vapor que me leva só poucas horas se detém aqui; quiz aproveital-as em visitar alguns, pelo menos, dos meus bons amigos bahianos, e em agradecer pessoalmente aos meus generosos collaboradores na santa causa da Instrucção popular.

Apresentei as minhas homenagens, mui devidas, ao Ex.mo snr. D.r Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, benemérito Vice-Presidente do Governo d'esta Provincia, e achei n'elle o que esperava: um espirito como já encontrára no Ex.mo snr. Conselheiro Wanderley, cordealmente dedicado á illustração do Povo, unica base possivel de toda a Politica séria e efficaz.

Visitei pela segunda vez a aula de Leitura e Escrita repentina do inexcedivel Professor o snr. Antonio Gentil de Ibirapitanga; e folgo de poder dar-lhe um público testemunho, da admiração que me excitaram os seus trabalhos, o seu nobre caracter, o seu desinteresse, e a sua perseverança.

Vou ainda procurar a satisfação de conhecer o zelosissimo Director da Instrucção publica, o snr. D.or Luiz Antonio Pereira Franco, protector convicto e mui influente da regeneração das escolas primarias.

A nenhum d'estes cavalheiros tenho já que supplicar coadjuvação no meu empenho humanitario. Todos elles, e em geral todas as Autoridades literarias bahianas, vão espontaneamente para onde vai a philosophia humanitaria.

A Bahia (até pela sua indisputavel e indisputada supremacía literaria) é chamada a arvorar o primeiro pendão d'esta cruzada nova contra o obscurantismo.

A Capital do Imperio, ou (para falar com mais exacção) alguns dos professores da Capital do Imperio, inimigos de reformas, e com elles alguns espiritos preoccupados, que suppunham dever de nacionalidade repellir e desdenhar o beneficio estrangeiro, ainda que offerecido com absoluto desinteresse, e por mãos fraternas, quasi inutilisaram as minhas diligencias no Rio de Janeiro.

Aquelles meus conscienciosos e amoraveis trabalhos, honrados uma vez pela presença de Sua Majestade Imperial, muitas pelo digno Ministro do Imperio, e quasi sempre pelos honrados Vogaes do Conselho de Instrucção publica, e por avultado número de pessoas de alma e coração, teriam todavia ficado quasi sem effeito apreciavel, se a Bahia, se o Piauhy, se as Alagôas, etc , não tivessem enviado ao meu curso professores de escôlha, e de uma proficiencia averiguada e inquestionavel.

E' pois, já agora, das Provincias, que tem de partir a acção regeneradora, para chegar á Capital, d'onde eu me persuadia que se devêra primeiro derramar para todo o Imperio; e esta Cidade, por mil circumstancias peculiares, todas favoraveis, esta Cidade, cuja opinião Vós, snr. Redactor, representais, e em parte dirigís, tem de ser (se me não engano) o mais alto e brilhante farol para os homens do futuro, que, sob o humilde nome de *mestres*, houverem de guiar os povos d'estas infinitas regiões para uma verdadeira civilisação, magnífico horizonte de Deus, que por quasi todo o mundo vem já clareando, mas que para nenhum Paiz amanheceu ainda.

E' com o mais íntimo sentimento de gratidão, e cheio das mais vivas esperanças, que eu vou dentro em uma hora arrancar-me d'esta terra de Gessen, para onde o meu coração tem de voltar-se muitas vezes, e aonde (se ingratidões, se indifferenças, se me podessem levantar na Patria) eu viria correndo, reacender no nobre fogo da população brazileira e portugueza, aqui tão intimamente congregadas, o facho da minha fé e das minhas esperanças.

Rogo-vos, snr. Redactor, e, como tenho a honra de vos conhecer, desde já vos agradeço como feito, o favor de mandardes inserir esta carta nas columnas da vossa folha.

Tenho a honra de ser

Vosso etc.

Bahia, 5 de Julho de 1855

A. F. de Castilho.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

—

Pag.

Advertencia dos Editores..... 5

I — Ao Senhor Joaquim Machado de Castro, escultor da estátua equestre do Senhor Rei D. José, recebendo no anno corrente de 1816, por ordem do Principe Regente nosso senhor, uma gratificação..... 7

II — 1.º Requerimento á Junta da Directoria Geral dos Estudos do Reino..... 9

III — 2.º Requerimento á Junta da Directoria Geral dos Estudos..... 11

IV — Charada..... 13

V — Censuras da Meza do Desembargo do Paço ao poema de Castilho «Cartas d'Ecco e Narciso»..... 15

Resposta do Autor das «Cartas d'Ecco e Narciso»..... 17

VI — Polemica literaria entre o jornal lisbonense «A Estrella» e Castilho acerca dos «Quadros historicos»..... 25

VII — Carta a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara então Bibliothecario em Evora.... ... 35

VIII — Parecer de Antonio Feliciano de Castilho officialmente dado na sua qualidade de Socio do Real Conservatorio de Lisboa á Inspecção Geral dos theatros..... .. 40

IX — Versos compostos em nome da 2.ª mulher de Castilho, e escritos no album de sua irman, então muito nova, e solteira, em frente de um desenho que representava duas crianças, uma d'ellas retratando a outra..... 45

X — Verdade encrivel..... 47

Pag.
XI—Duas traducções portuguezas de Méry.... 53
Venturas de um millionario traducção de Méry..... 59
XII—Proposta apresentada em sessão da benemérita Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel..... 105
XIII—Versos em nome de uma afilhada no anniversario da madrinha..... 107
XIV—N'um album.... 109
XV—Carta aos proprietarios e directores da Typographia Universal «Euardo de Faria e C.ª»..... 111
XVI—N'um Album. 121
Qãticu dux alunux de laitura repẽtina au finalizar qada lisãu..... 123
XVII—Um brado d'aqui d'el-Rei em favor da Escola primaria. Representação a el-Rei D. Fernando, Regente em Nome do seu Augusto Filho el-Rei D. Pedro V. 125
XVIII—Prologo ao livro francez de Saint-Germain le Duc «Novo amigo dos meninos», traducção portugueza de Luiz Filippe Leite... 134
XIX—No Album de D. Maria Peregrina de Sousa, poetisa portuense..... 149
XX—No Album do professor portuense Narciso José de Moraes..... 151
XXI—Carta ao periodico fluminense «Correio Mercantil»..... 153
XXII—Carta ao periódico bahiano «Correio mercantil»..... 157

FLOS SANCTORUM

Vida de todos os santos e martyres do Christianismo

SEGUINDO, DIA A DIA, A ORDEM DA SUA COMMEMORAÇÃO PELA EGREJA

Trabalho de compilação e de synthese,
feito sobre os mais modernos e conscienciosos estudos

PELO

Rev. Dr. SANTOS FARINHA

Bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra e parocho collado da freguezia de Santa Izabel, de Lisboa

---

Illustrado com centenares de gravuras

Cada fasciculo semanal de 2 folhas de 8 paginas cada, in-4.° grande, contendo pelo menos 2 gravuras,

60 — REIS — 60

Cada tomo mensal de 5 fasciculos, ou 80 pag., grande formato, contendo numerosas gravuras,

300 — REIS — 300

DIRIGIR OS PEDIDOS A'

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — Rua Augusta, 95, Lisboa

TYPOGRAPHIA — 45, RUA IVENS, 47

UM REINADO TRAGICO

(Complemento da HISTORIA DE PORTUGAL)

POR * * *

Edição Popular e Illustrada

Com grande numero de retratos dos homens contemporaneos, e de gravuras representativas dos acontecimentos mais notaveis do reinado de D. Carlos

Attendendo a instantes pedidos de muitos dos assignantes da nossa **Historia de Portugal**, resolveu esta Empreza publicar um novo livro que, embora seja como que o complemento d'aquella — e por isso absolutamente egual em formato, papel, etc. — será no emtanto completamente independente dos anteriores volumes, e no qual, sob o titulo de **Um Reinado Tragico**, se fará a descripção de todos os successos politicos que vão desde o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890 até aos tragicos acontecimentos de 1 de fevereiro de 1908, que determinaram a subida ao throno portuguez do rei D. Manuel II.

Publicação em fasciculos semanaes de 16 paginas, in-4.° grande, ao preço de

60 RÉIS

ou a tomos mensaes de 5 fasciculos, ao preço de

300 RÉIS

PQ
9261
C34N6
1908
v.1

Castilho, Antonio Feliciano de
Novas telas literarias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 13 008 3